

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Letícia Espadim Martins

**Pelas lentes do *ñande reko*:
audiovisual, mídias sociais e juventude indígena na Reserva Indígena de
Dourados/MS**

Dourados, MS
novembro de 2021

Letícia Espadim Martins

**Pelas lentes do *ñande reko*:
audiovisual, mídias sociais e juventude indígena na Reserva Indígena de
Dourados/MS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Prof. Dr^a Juliana Grasiéli Bueno Mota.

Dourados, MS
Novembro de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M386p Martins, Leticia Espadim

Pelas lentes do ãande reko: audiovisual, mídias sociais e juventude indígena na Reserva Indígena de Dourados/MS [recurso eletrônico] / Leticia Espadim Martins. -- 2021.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Juliana Grasiéli Bueno Mota.

TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2021.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Juventude indígena. 2. Reserva Indígena de Dourados. 3. Audiovisual indígena. 4. Novas mídias. I. Mota, Juliana Grasiéli Bueno. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 29 de novembro de 2021, compareceu para defesa pública on-line do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna Leticia Espadim Martins tendo como título "PELAS LENTES DO ÑANDEREKO: Uma breve reflexão sobre audiovisual, mídias sociais e juventude indígena na Reserva Indígena de Dourados, MS".

Constituíram a Banca Examinadora os professores ~~Dra. Juliana Grasieli Bueno Mota~~ (orientadora), ~~Me. Lauriene Seraguza Olegário e Souza~~ (examinadora), ~~Dra. Roseline Mezacasa~~ (examinadora) e ~~Jaqueline Gonçalves Porto~~.

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado _____.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: _____

Assinaturas:

Dra. Juliana Grasieli Bueno Mota
Orientadora

Me. Lauriene Seraguza Olegário e Souza
Examinadora

Dra. Roseline Mezacasa
Examinadora

Jaqueline Gonçalves Porto
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas e todos que me amam e me apoiam na jornada de “*ser*” e existir neste mundo. Assim, dedico:

À vida,
À minha mãe Iemanjá,
Aos meus pais,
Aos Povos Indígenas de Mato Grosso do Sul e do México,
Aos meus familiares,
Aos meus amigos (humanos e não humanos),
As vozes da minha cabeça e as do meu coração,
À minha loucura,
À minha sanidade,
Aos meus momentos de fraqueza e de coragem
Mas,
sobretudo,
Dedico esse trabalho à incrível faculdade humana de ouvir e aprender com “*outros*”
seres humanos.

AGRADECIMENTOS

Sei que são primárias as minhas frases, escrevo com amor demais por elas e esse amor supre as faltas, mas amor demais prejudica os trabalhos. Este não é um livro porque não é assim que se escreve... estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra... quero como poder pegar com a mão a palavra. A palavra é objeto? (LISPECTOR, 1999, p.11-2).

Deixo esse espaço preenchido apenas por afeto. Comunico a todas aquelas e aqueles que, ao chegarem a essa sessão, tenham se perguntado se veriam seus nomes presentes aqui, a resposta é sim, se esse tipo de pensamento lhes ocorreu é porque de fato trilhamos algo juntos e isso merece ser agradecido, por isso: Muito Obrigada! Te agradeço imensamente. Esse carinho é para você.

Apoio Institucional à pesquisa

Agradeço a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) pela bolsa de PIBIC/UFGD concedida para a realização da Pesquisa de Iniciação Científica (2018-2019, 2020-2021) e ao Escritório de Assuntos Internacionais da UFGD (ESAI) em parceria com a Universidad Autónoma de Tlaxcala pela bolsa de mobilidade acadêmica concedida no ano de 2019. Agradeço, também, ao corpo docente da Faculdade de Direito e Relações Internacionais (FADIRI) pelo compromisso e dedicação em ensinar, bem como agradeço ao Coletivo Geografias Indígenas, Gentes, Terras – CGInd da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) pelas trocas e inúmeras aprendizagens.

RESUMO

Este trabalho é semente, terra adubada e cuidado. Semente, por escolher trazer ao longo do trabalho questões por mim consideradas em plena germinação. Uma vez que adentrar as questões da juventude indígena em sua particularidade é vislumbrar a explosão da vida, em suas raízes, folhas, caule e frutos de um futuro melhor. O trabalho está organizado em quatro divisões principais: **Sementes, Ventos, Luz e Flores** que se compreendidas a partir da metáfora de **raízes, caule, folhas e frutos** é possível captar as funções desempenhadas por cada uma, bem como a relação de retroalimentação existente entre as partes. Os argumentos contarão com o sustento de dois troncos fortes, o primeiro **tudo que existe está em movimento**. O segundo, **tudo que compõe o mundo indígena é indígena**. Em outras palavras, os galhos que brotam desses troncos estão firmados nas ideias-base de cultura enquanto algo dinâmico e na apropriação singular das mídias sociais e internet feita pelos povos indígenas, em especial as e os jovens, enquanto uma ferramentas de luta por direitos sociais e territoriais, bem para a fortificação das identidades étnicas desses jovens indígenas e de seus laços com suas comunidades. Com base nisso, os conceitos de juventude indígena, *tekoha*, *ñande reko*, *tapes po'i* foram fundamentais em nossa caminhada de pesquisa, com o objetivo de compreendermos: Como é ser jovem na Reserva Indígena de Dourados? Quais cartografias esses jovens carregam? Quais dificuldades enfrentam? Quais sonhos cultivam? E, principalmente, qual o papel das novas mídias em suas vidas? Luan Iturbe, jovem da etnia Guarani Nhandeva, residente da Reserva Indígena de Dourados, desenvolve trabalhos como ator, fotógrafo e videomaker. Luan, nos revela que não apenas a internet vem sendo apropriada pelos jovens indígenas, mas também outras formas de comunicação, como o audiovisual e a fotografia. Entretanto, para pensarmos acerca das apropriações das novas mídias por parte da juventude indígena é preciso antes refletirmos sobre as condições socioespaciais da aldeia. Visto que o território tem influência direta nas oportunidades de acesso dos jovens indígenas às tecnologias e às novas mídias. Por isso, propomos uma aproximação entre os conceitos dos caminhos definidos por *trieiros* ou *tape po'i*, na língua Guarani, com os caminhos que a juventude indígena abre, resgata e cria ao utilizar das mídias sociais e do Audiovisual. Ambos são caminhos que imprimem grande importância na vida social, criando uma dinâmica espacial e política entre aquelas e aqueles que participam desse processo: jovens, crianças, adultos, líderes religiosos e políticos, instituições governamentais, não-governamentais, instituições artísticas, Universidades, apoiadores não-indígenas, etc. “*Pelas Lentas do Ñandereko*” é possível observar os caminhos que compõem a densa malha de relações do Audiovisual indígena, bem como podemos observar, aqueles caminhos que não são percorridos, intencionalmente ou não.

Palavras-chave: Juventude indígena, Reserva Indígena de Dourados, Audiovisual indígena, Novas mídias.

NHEMOMBYKY

Ko tembiapo Ha'e teminty rã'yi, yvy onhemby'atyva opachagua ndivegua, onheñagarekova. Teminty rã'yi, aru achuka aiporavo akue rehegua, pe yvygui renhõi ma jave. Pentei nhemombe'u pyre pe py'ahu kuerape nhande ava anhõ hape jehecha hy'apu hekovepe, pe ra'e rapore, hogue, imata ha yva aju re iporã haguã tenodevepe. Ko tembiapo Ha'e ojejapo irundy gua: teminty rã'yi, yvytu, rendy ha yvoty ojehecha'uka pe hapore, imatare, hoguere ha yva ajure ikatu kua'a jahecha Pente'ixa ojekua'a, Ha'e iporã oho tembi'urãpe. Oje'e Ha'e onhebi'apo pe imata kuere imbarete, pe Pente'i Ha'e oiko porã oikovy. Pe Mokõ'i Ha'e nhande ava nhemombe'upyre. Ha ambu'e nhe'enpy, hakãgue Ha'e renhõi je'y pe imata rere pe nhande reko ete Ha'e imaranduva Ha'e kuere he'i médias sociais ha internet ojapova nhande te'y kuera ava, pe mbyahu kuery, Ha'e pentei tembiapo jejapo hatyva pe nhamombarete nhande reko yvyrehegua, iporã ojehecha'uka pe mbyahu ava kuerape pe heko hatype. Nhamohensãkarã mbyahu kuerape, tekoha, ñande reko, tape po'i ha'i iporã eterei ojejuata onhenporãndu upeixa guarã ja'ikua'ahaguã: Mba'eixa nhande mbyahu kuera ja'iko Reserva Indígena de Dourados pe? Mba'e cartografia Ha'e nhande mby'ahu kuera jaraha? Mbava'e jahasa'asy ko ape Mba'eixa jajapota? Mba'ere nde erenhehesamondo ererahavy? Pe nhekõteveva kuati'ape he'iva mídias nderekovepe? Luan Iturbe, Ha'e pentei mbyahu kari'ay Ha'e guarani nhadeva, oiko Reserva Indígena de Douradospe, ojapova hembia'po, ator, fotografo e videomaker. Luan, Ha'e omombe'u ndaha'ei internet mi oguãhe mbyahu kuerape, oguãhe ave'i ambu'e rehegua, audiovisual ha fotografia. Nhamondora nhande resa pr mídias rehegua mbyahu kuerape, Ha'e iporã Nhamohensãka ranhe Mba'eixapo Ha'e kuery oiko heko aldeiape. Pe jahecharã Ha'e kuera ijyvy oiko hapy oguãhe opaixagua tecnologia ha mídias. Upe'agui romoguãhe onhondivepa jeguataha tape po'i rupi he'i nhande ava nhe'enpe, jeguata mbyahu kuery hekorupi, jejapo je'y mídias sociais ha audiovisual. Pe jeguataharupi Ha'e rekove iporã, jejapo Pente'i politica Ha'e ha ha'ekuera jeha haguã uperupi: mbyahu, kakua'a kuery, oporahe'iva kuery, políticos, instituições governamentais, não-governamentais, instituições artísticas, universidade, apoiadores não-indígenas, etc. "pelas Lentes do Ñandereko" uperupi jahecha kua'a ojejuatarã ohovy Audiovisual nhande ava rehegua, uperupi ave'i jahecha ojejuata ohopa internacionalmente tapa nahani.

Palavras-chaves: Nhemombe'u nhe'e rã; Mbyahu kuera ava oikova; Reserva Indígena de Dourados pe; Audiovisual ava Mba'e ha novas mídias.

RESUMEN

Este trabajo es semilla, tierra fertilizada y cuidado. Semilla, por elegir traer temas que consideré en plena germinación a lo largo de la obra. Una vez enfocándose en los temas de la juventud indígena en su particularidad es vislumbrar la explosión de vida, en sus raíces, hojas, tallos y frutos de un futuro mejor. El trabajo se organiza en cuatro grandes divisiones: Semillas, Vientos, Luz y Flores que, he entendido desde la metáfora de raíces, tallos, hojas y frutos, es posible captar las funciones que desempeña cada uno, así como la relación de retroalimentación existente entre las partes. Los argumentos contarán con el apoyo de dos troncos fuertes, lo primero que existe está en movimiento. En segundo lugar, todo lo que compone el mundo indígena es indígena. Es decir, las ramas que brotan de estos troncos tienen su raíz en las ideas básicas de la cultura como algo dinámico y en la apropiación única de las redes sociales e internet que hacen los pueblos indígenas, especialmente los jóvenes, como herramientas para la lucha por los derechos sociales y territoriales, así como para el fortalecimiento de las identidades étnicas de estos jóvenes indígenas y sus vínculos con sus comunidades. A partir de esto, los conceptos de juventud indígena, tekoha, ñande reko, tapes po'i fueron fundamentales en nuestro recorrido investigativo, con el objetivo de entender: ¿Cómo es ser joven en la Reserva Indígena Dourados? ¿Qué cartografías llevan estos jóvenes? ¿Qué dificultades enfrentan? ¿Qué sueños cultivan? Y, sobre todo, ¿cuál es el papel de los nuevos medios de comunicación en sus vidas? Luan Iturbe, joven de la etnia guaraní Nhandeva, residente en la Reserva Indígena Dourados, trabaja como actor, fotógrafo y videasta. Luan revela que no solo la juventud indígena se ha apropiado de internet, sino también de otras formas de comunicación, como el audiovisual y la fotografía. Sin embargo, para pensar en la apropiación de los nuevos medios por parte de la juventud indígena, primero es necesario reflexionar sobre las condiciones socioespaciales de la aldea. Dado que el territorio tiene una influencia directa en las oportunidades de acceso de los jóvenes indígenas a las tecnologías y los nuevos medios. Por ello, proponemos una aproximación entre los conceptos de caminos definidos por “trieiros” o tape po'i, en lengua guaraní, con los caminos que la juventud indígena abre, rescata y crea a través de las redes sociales y el Audiovisual. Ambos son caminos que imprimen gran importancia a la vida social, creando una dinámica espacial y política entre quienes participan en este proceso: jóvenes, niños, adultos, líderes religiosos y políticos, instituciones gubernamentales y no gubernamentales, instituciones artísticas, universidades, simpatizantes a los pueblos no indígenas, etc. “A través de Lentes de Ñandereko” es posible observar los caminos que componen la densa red de relaciones del Audiovisual indígena, así como aquellos caminos que no se recorren, intencionalmente o no.

Palabras clave: Juventud indígena, Reserva indígena de Dourados, Audiovisual indígena, Nuevos medios de comunicación.

SUMÁRIO

RESUMO	6
NHEMOMBYKY	7
RESUMEN	8
Sementes	10
1.0 Plantando a pesquisa	10
1.1 Raíz, caule, folhas e frutos	12
Ventos	17
2.0. Tudo que existe está em movimento	17
2.1. Tudo que compõe o mundo indígena é indígena	19
Luz	25
3.0 Construir territórios é construir identidades, ao mesmo tempo em que construir identidades é construir territórios	27
Flores	40
4.0 Tapes da Juventude	44
4.1 Tapes do Território	50
4.2 Tapes dos Anciões	51
4.3 Cheiro e flores nos tapes: sem afeto não há pesquisa	56
REFERÊNCIAS	59

Sementes

1.0 Plantando a pesquisa

Este trabalho é semente, terra adubada e cuidado. Semente, por escolher trazer ao longo destas páginas questões por mim consideradas em plena germinação. Uma vez que adentrar as questões da juventude indígena em sua particularidade é vislumbrar a explosão da vida, em suas raízes, folhas, caule e frutos de um futuro melhor.

Para isso, enriqueceram o solo da pesquisa os mundos Guarani, Kaiowá, Terena de Mato Grosso do Sul, povos tão diversos e particulares entre si.

Nossa história teve início no Núcleo de Assuntos Indígenas da Universidade Federal da Grande Dourados (NAIN), na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em 2017, onde fui estagiária durante um ano. Lá, o amor e interesse pelos povos indígenas encheu o peito; coloriu os olhos de jenipapo; coração de urucum e desaguou na minha decisão de abraçar a luta dos povos originários. Concomitante, adentrei a Iniciação Científica (PIBIC-UFGD) orientada pela professora e amiga Juliana Mota para desenvolver o Plano de Trabalho "Relações Interétnicas entre as aldeias Jaguapiru e Bororó na Reserva Indígena de Dourados". Na pesquisa as e os indígenas me ensinaram sobre a existência de outros "mundos", outras formas de "ser e viver", abriram meus olhos e sopraram os ventos que me orientam até os dias de hoje à enxergar "gentes"¹ e seguir por caminhos de alteridade.

E foi por estes caminhos que vislumbrei a possibilidade de cursar um semestre em Antropologia na Universidad Autónoma de Tlaxcala (UATLx) no México. Conhecer e aprender com os povos mesoamericanos, em especial os Nahuas e Wixárika², foi uma experiência que me marcou de uma maneira muito especial, as raízes se fortaleceram, o caule

¹ O uso do termo "gentes" tem como inspiração a reflexão proposta por Juliana Grasiéli Bueno Mota (2011, p.44) em que nos diz: "Embora seja necessário remetermos a origem da palavra e/ou gentes, seu uso tem como finalidade de considerar as diversas formas ou possibilidades de fazer-se humanamente. Sendo a expressão unívoca do estar junto, da sociedade e do indivíduo, do todo e das partes, do "nós" e do "eu".

² Para identificar os povos Nahuas e Wixáricas optamos por utilizar a descrição fornecida pelo Sistema de Informação Cultural do Governo Mexicano (SIC MEXICO, 2019): "El término nahua hace referencia a una comunidad lingüística compuesta por una serie de grupos que hablan la lengua mexicana, que heredaron de las grandes culturas del Altiplano Central que llegaron a dominar la Cuenca de México y la región mesoamericana en la época prehispánica. El vocablo nahua significa hablar con claridad, con autoridad o conocimiento". Com relação ao povo Wixárika o governo mexicano através da Comissão Nacional para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas (2013, p.6) comenda: "Los wixaritari (singular: wixarika) o huicholes son uno de los cuatro grupos indígenas que habitan en la región conocida como el Gran Nayar, en la porción meridional de la Sierra Madre Occidental. Ubicado a ambos lados del cañón del río Chapalagana, su territorio tradicional abarca porciones de cuatro estados: Jalisco, Nayarit, Durango y Zacatecas. [...] Desconocemos el significado de la palabra wixarika, pero sabemos que "huichol" es una versión castellanizada de este término".

se enrubesceu e a pesquisa ganhou uma folhagem diferente! Desdobrando-se em pesquisas paralelas sobre corpo, mulheres e parteiras tradicionais.

Por isso, ainda que a pesquisa se debruce sobre a realidade da juventude Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul, especificamente, não é exagero afirmar que fizeram a semente germinar todos os povos que depositaram, gentilmente, adubo de sabedoria e companheirismo nas terras do meu caminho enquanto pesquisadora.

Nessa jardinagem da pesquisa acadêmica foi necessário uma boa dose de cuidado. Afinal, pesquisar, aprender e refletir junto aos povos indígenas requer uma postura compromissada, com nós mesmos enquanto pesquisadoras e pesquisadores, mas, sobretudo, com todas e todos que com confiança abrem suas casas e suas vidas para entrarmos. Dito isso, espero que palavras e reflexões aqui suscitadas reflitam o cuidado e o carinho com que esta pesquisa foi plantada em minhas terras e nas de tantas outras pessoas que participaram de sua construção. Não direi que foi um processo fácil. Pragas e insetos atacaram as raízes, as folhas por vezes murcharam, amarelaram ou caíram por excesso disso ou falta daquilo. Todavia, entre trocas de vasos, receitas caseiras e crença naquilo que se faz com o coração a pesquisa finalmente vingou! Nas páginas seguintes começaremos a conhecê-la:



Imagem 1: Dona Paola exibindo as plantas de seu jardim. San Isidro Buensuceso, México, 2019. Fonte: Trabalho de campo.



Imagem 2: Ana, Dona Augusta e eu em um passeio pelo jardim. Aldeia Limão Verde, Amambai, Mato Grosso do Sul, 2020. Fonte: Trabalho de Campo.

1.1 Raiz, caule, folhas e frutos

A escolha pessoal de pensar a pesquisa acadêmica em semelhança aos processos fisiológicos das plantas vincula-se em primeiro lugar à ideia de conceber o conhecimento científico integrado a outros conhecimentos e saberes não científicos. A sabedoria da natureza em criar/gerar vida, a qual demanda processos e organiza-se desde uma espacialidade e temporalidade própria. Desde este ponto de vista, a pesquisa torna-se algo vivo, enquanto pesquisar torna-se sinônimo de cuidar. Em segundo lugar, por metáforas e fotografias serem recursos poéticos que compõem a escrita sensível deste trabalho, recursos estes indispensáveis - ainda que muito provavelmente insuficientes, ao desafio de tornar inteligível à linguagem científica subjetividades e histórias de vida que seguem em construção, sendo experienciadas em carne, osso, medo, sonho, alegria e tristeza no cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados (RID).

Portanto, o trabalho está organizado em quatro divisões principais (*Sementes, Ventos, Luz e Flores*) que se compreendidas a partir da metáfora de **raízes, caule, folhas e frutos** é possível captar as funções desempenhadas por cada uma, bem como a relação de retroalimentação existente entre as partes. Dessa forma, para a seção *Sementes* proponho como metáfora a figura das raízes que, a partir do solo, absorvem as substâncias necessárias para o metabolismo da planta. No caso desta pesquisa acadêmica, os nutrientes absorvidos

pelas raízes são: as experiências em trabalho de campo, as relações de afetividade desenvolvidas ao longo do percurso da pesquisa e o compromisso firmado junto aos povos Indígenas. Estes nutrientes, uma vez transformados em seiva bruta, serão transportados das raízes até as demais estruturas importantes da pesquisa, nutrindo-a.

Este transporte é realizado através do caule que como veremos possui várias funções, sendo as principais: a sustentação, a propagação e o transporte de água e sais minerais das raízes às folhas e, inversamente, de produtos da fotossíntese das folhas às raízes (USP, p.68). Por isso, podemos pensar na presença da seção *Ventos* dentro do trabalho em semelhança ao caule, uma vez que a seção *Ventos* possui a capacidade de sustentar o que será abordado nas sessões subsequentes. Além da propagação e transporte de conceitos, dados de campo e aportes teóricos para as demais estruturas do texto.

Ao longo da seção *Ventos* os argumentos contarão com o sustento de dois troncos fortes, o primeiro *tudo que existe está em movimento*. O segundo defende a ideia de que *tudo que compõe o mundo indígena é indígena*. Em outras palavras, os galhos que brotam desses troncos estão firmados nas ideias-base de cultura enquanto algo dinâmico e a apropriação singular das mídias sociais e internet feita pelos povos indígenas, em especial as e os jovens³, como ferramentas de luta por direitos sociais e territoriais, bem como a fortificação das identidades étnicas desses jovens indígenas e seus laços com suas comunidades.

Tratarei na seção *Luz* debates que nos ajudem a entender melhor as e os jovens da Reserva Indígena de Dourados (RID). E sob a égide da ideia de juventude indígena e através do conceito de território e territorialidade refletido desde os aportes teóricos da Geografia será possível meditar nos seguintes questionamentos: O que é ser jovem na Reserva Indígena de Dourados (RID)? Qual história esses jovens carregam? O que pensam para o futuro? Quais sonhos cultivam e quais dificuldades enfrentam?

³ Neste trabalho o uso do artigo feminino na frente do artigo masculino diz respeito ao posicionamento pessoal da autora de que a escrita acadêmica é marcada por um machismo implícito. Ao priorizarmos o artigo feminino frente ao masculino trazermos à memória a imagem feminina antes da masculina. Com isso, a figura feminina ganha tanta relevância quanto a masculina, que naturalmente já é privilegiada dentro do imaginário social. Todavia, isso não exprime a opinião da cultura dos Povos Guarani e Kaiowá acerca das relações de gênero, visto que a categoria gênero é uma categoria ocidental e esses povos possuem um posicionamento e entendimentos próprios em relação a noção de mulheres e homens. Como mostra a autora Lauriene Seraguza (2018, p.58 apud SERAGUZA, 2013): “Entre os Kaiowá e os Guarani em Mato Grosso do Sul, pude perceber que as relações de gênero se dão sustentadas pela noção de que homens e mulheres são “opostos equivalentes assimétricos””.

Para isso, meu instrumento de pesquisa principal foram as entrevistas semi estruturadas realizadas de maneira remota com jovens residentes da Reserva Indígena de Dourados. Em decorrência da pandemia do novo coronavírus ou COVID-19, o trabalho de campo que até então vinha sendo gestado por meio da presença física nos espaços da Reserva, por meio da observação participante, precisou ser reatualizado.

E, no que diz respeito às dificuldades encontradas na continuidade da pesquisa e a necessidade de repensar as formas de presença na Reserva Indígena de Dourados, os/as jovens indígenas se mostraram, mais uma vez, um caminho possível para os olhares da investigação. Uma vez que, suspensa minha presença física na Reserva, as e os jovens indígenas seguiam, em maior ou menor medida, presentes nos espaços virtuais. Os espaços virtuais se tornaram espaços de análise, quer seja pela possibilidade de presença dos e das indígenas neles, ou pela impossibilidade e ausência dos mesmos nos novos meios de comunicação social.

Portanto, os dados de campo dessa pesquisa em isolamento social são majoritariamente fruto de conexões virtuais, mas não menos afetivas e compromissadas. Dentre estas, destacamos as entrevistas feitas com Luan Iturbe, jovem da etnia Guarani Nhandeva e residente da Reserva Indígena de Dourados. Luan é ator, fotógrafo e videomaker e a partir dele refletiremos sobre as condições de vida, lazer, trabalho e educação dos e das jovens.

Entretanto, é impossível pensar nas apropriações das novas mídias por parte da juventude indígena sem pensarmos nas condições socioespaciais da aldeia. Visto que o território tem influência direta nas oportunidades de acesso dos jovens indígenas às tecnologias e às novas mídias. Além de influenciarem, também, no uso e intencionalidade dado por estes jovens às tecnologias, já que muitos enxergam nas novas mídias uma ferramenta para a reivindicação de direitos sociais e territoriais, bem como para o fortalecimento de suas identidades étnicas. Por isso, como mencionado anteriormente, os debates levantados na seção **Luz** serão guiados pelos conceitos de território, territorialidade e juventude indígena.

Dando seguimento à tentativa de pensar a organização do trabalho em semelhança aos processos fisiológicos das plantas, a dinâmica existente entre a seção **Ventos** e a seção **Luz** se assemelha à dinâmica presente entre o caule e as folhas. O caule é o responsável pelo movimento de transporte dos nutrientes das raízes às folhas e dos produtos da fotossíntese das folhas para as raízes. Uma vez que a seção **Ventos** funciona como caule e a seção **Luz** enquanto folha e as questões relativas à Juventude indígena e identidade, apresentadas na primeira seção, alimentam as discussões posteriores sobre Juventude indígena e território,

exploradas na seção **Luz**. E os movimentos de levar e trazer nutrientes de partes distintas da planta é a metáfora perfeita para compreendermos a relação de retroalimentação das temáticas da seção **Ventos** e da seção **Luz**.

A seção **Luz** é a folhagem do trabalho. A primeira vista é a parte mais visível da planta e o debate central do trabalho. Porém, como vimos, as folhas funcionam sempre em comunhão com as demais partes da planta. Além disso, as folhas caem, se renovam e a cada caminhar do tempo e da natureza apresentam colorações diferentes. Tal como a presença indígena no mundo das mídias ocidentais.

Adentraremos em uma questão central do trabalho: a progressiva apropriação de tecnologias e novas mídias por parte da juventude indígena. Para isso é preciso reconhecer que a juventude indígena, mesmo que de forma precária, busca ocupar os espaços digitais ao apropriar-se cada dia mais de tecnologias e das novas mídias. Luan, é a prova de que não apenas a internet vem sendo apropriada pelos jovens indígenas, mas também outras formas de comunicação, como o audiovisual e a fotografia.

Como veremos em **Luz** as formas e as ferramentas das Artes Ocidentais⁴ (pintura, desenho, fotografia, cinema, poesia, entre outras) ocupam junto aos movimentos políticos tradicionais o papel de reformulação e questionamento do que significa “*ser indígena*” ao trazer ao campo de debate novos temas e ao expor a realidade das comunidades indígenas nas obras produzidas. Em resumo, os conteúdos digitais produzidos pelos indígenas na contemporaneidade é uma arte caracterizada pelo movimento, processo e invenção.

Com isso, as mídias digitais serve como uma ferramenta de comunicação e reivindicação dos povos indígenas, principalmente da juventude indígena, que busca construir novos horizontes, possibilidades e formas de permanência para os Povos Indígenas na contemporaneidade que possibilita os povos tradicionais se expressarem não apenas para si mesmos, mas também para outros grupos da sociedade, criando laços entre diferente *ñandereko*, ou “modos de ser”.

Dessa forma, o audiovisual, a fotografia, a internet entre outras ferramentas torna-se caminho pelo qual as novas gerações irão olhar a partir de outra ótica a cultura. Incentivando

⁴ Opto por utilizar a palavra Arte ao invés de localizar uma arte específica, como audiovisual, fotografia, etc, por entender que parte da estratégia de apropriação dos Povos Indígenas de tecnologias e ferramentas de comunicação ocidentais é não se fechar em uma arte específica e diversificar as formas de se produzir arte indígena e de levar as demandas e as questões dos Povos Indígenas a conhecimento da sociedade não indígena. Ademais, utiliza-se Artes Ocidentais pois os Povos Indígenas são possuidores de Arte. No entanto, não é sobre as formas tradicionais de Arte Indígena que focaremos nas discussões suscitadas neste trabalho. E sim nas formas e ferramentas das Artes Ocidentais (pintura, desenho, fotografia, cinema, poesia, entre outras) que vem se tornando cada vez mais importantes ferramentas de luta dos Povos Indígenas.

um movimento de orgulho e interesse da juventude indígena em sua própria cultura, e que o tradicional não seja visto como uma oposição ao moderno, mas sim como um aliado.

Assim, na seção **Luz** abordaremos também as experiências de aproximação entre povos indígenas e as artes ocidentais no Mato Grosso do Sul. A Associação Cultural dos Realizadores Indígenas (ASCURI), idealizada no ano de 2008, torna-se peça fundamental no desafio de compreender as razões que guiam os e as indígenas pelo mundo dos meios de comunicação e das artes.

A seção **Flores** alia-se à metáfora dos frutos, pois tanto flores como os frutos são produtos “finais” das plantas. E no caso do nosso trabalho, compõem o debate em torno das questões relativas à juventude indígena, as identidades, as mídias digitais e outras ferramentas de comunicação, como a fotografia e o audiovisual. Ainda o debate em torno dos conceitos de território e territorialidade que nos permitiu chegar a *cartografia das imagens* ou *tapes das imagens*. Uma aproximação entre o conceito de caminhos conhecidos por trieiros ou *tape po’i*, na língua guarani. Tais caminhos estão em construção pelos e pelas indígenas. A juventude indígena abre e cria novos e diferentes caminhos ao utilizar as mídias sociais e o audiovisual. Eis que a cultura é movimento e se movimenta a cada caminhar dos povos ao longo de suas geografias.

Os tapes são caminhos que imprimem grande importância na vida social, criando uma dinâmica espacial e política entre aquelas e aqueles que participam desse processo: jovens, crianças, adultos, líderes religiosos e políticos, instituições governamentais, não-governamentais, instituições artísticas, Universidades, apoiadores não-indígenas, etc. Portanto, “*Pelas lentes do ñandereko*” observamos aqueles que participam da densa malha de relações do audiovisual indígena, como aqueles caminhos que não são percorridos, intencionalmente ou não.

Para isso, foram feitas reflexões através dos relatos que nos foram chegando, nos afetando, a partir das entrevistas. A entrevista realizada com Luan no ano de 2021 e uma seleção de algumas de suas fotos dando evidência aos locais, pessoas e relações que aparecem na e por trás de suas fotografias nos afetou e atravessou a proposta deste texto. Além da intenção do artista com esses retratos, o cheiro das flores e o gosto das frutas que a juventude indígena cultivou no corpo vivo da Reserva Indígena de Dourados, regadas por arte, dedicação, persistência, sonhos e luz aparece ao final de nosso caminho.

Ventos

2.0. Tudo que existe está em movimento

“Os mais antigos tiveram que aprender a falar com o papel, sem papel não tem demarcação né... Hoje a criançada na aldeia comanda o celular, a internet. Está levando a luta pra longe...”

Ñanderu Jorge, Reserva Indígena de Dourados, 2021.

As brisas que sopram e iniciam a seção trazem consigo um exercício de imaginação. Propomos para nossas leitoras (es) imaginar a escrita como um conjunto de palavras sequenciadas, ou melhor, um conjunto de palavras em movimento. Estendemos este pensamento sobre outras atividades artísticas e intelectuais e temos a seguinte conformação: a música como um conjunto de notas musicais em movimento; o filme como um conjunto de *frames* em movimento; a dança como um conjunto de posições em um movimento ritmado. Inclusive nas atividades corriqueiras podemos imaginar como o movimento dá forma às coisas: cozinhar é o conjunto de vários passos/procedimentos; tomar banho é o conjunto de vários movimentos desempenhados pelo nosso corpo em relação com a água, o sabonete, o chuveiro. Aos poucos começamos a perceber que **tudo que existe está em movimento**, em suas frações grandes ou menores, visíveis ou invisíveis. E a imaginação é um valioso artifício na missão de desenvolver esta perspectiva de análise.

A cultura é movimento. Os povos se movimentam e movimentam (transformam) a cultura. Tudo que existe (ou já existiu) se transformou e se transforma a cada *tape poi*. Clarice Cohn (2002) adverte que os processos de transformação devem ser percebidos como parte da história (e de suas geografias) dos povos nativos e não como um fantasma que os assombra.

A partir deste entendimento, juntamente com o exercício de imaginação que propomos, podemos começar a entender a dimensão da fala do Kaiowá *Ñanderu*⁵ Jorge ao relacionar o trabalho vanguardista das gerações anteriores dos Kaiowá e Guarani (“os antigos”) em “*aprender a falar com o papel*” com o objetivo de auxiliar nas lutas de demarcação de terras com o fato de hoje em dia as crianças e jovens da Reserva Indígena de Dourados terem acesso e domínio da internet e dos aparelhos eletrônicos. Se antes o papel era a ferramenta “*karai*” (*brancos*) a ser dominada pelos indígenas, hoje a tecnologia e as mídias

⁵ A autora Juliana Grasiéli Bueno Mota em sua dissertação de mestrado em Geografia (2011, p.28) nos explica que a “palavra *nhanderu*, em síntese, representa aquele que sabe rezar”.

sociais ocupam este espaço de possibilidade e expansão dos direitos sociais e territoriais desses povos, nos mostrando mais uma vez que tudo está em movimento.

O professor e antropólogo Roque de Barros Laraia (2013, p. 101) em seu livro "*Cultura: um conceito antropológico*" afirma que "[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos". Dito isso, e com um pouco de sensibilidade podemos entender um pouco a potência das palavras do Nhanduru Jorge, um senhor, que com muita sabedoria e contemplação da realidade reconhece que o sistema cultural Kaiowá Guarani no território da Reserva Indígena de Dourados sofreu diversas mudanças e segue em movimento.

Não obstante, sua capacidade de análise vislumbra o uso proveitoso que pode ser dado a estas transformações. Visto que as mudanças geracionais devem ser acompanhadas pela mudança também das estratégias e ferramentas de luta dos povos indígenas. Assim, o movimento das gerações contribuirá para impulsionar e levar a "*a luta para cada vez mais longe*".

As mudanças geracionais sopram novos ares a realidade indígena, abrem seus caminhos, dão forma às novas identidades que sem esquecer o passado trazem a renovação, a força e o direcionamento como toda brisa forte quando sopra. Quer dizer, uma nova percepção sobre o "ser indígena", o espaço da Reserva e o que "índio pode fazer" e "o que índio não pode fazer" emerge atualmente. (MARTINS, 2020).

Ao longo desta seção nossos argumentos contarão com o sustento de dois troncos fortes, o primeiro já conhecemos ***tudo que existe está em movimento***. O segundo que cruzaremos mais a frente do caminho defende a ideia de que ***tudo que compõe o mundo indígena é indígena***. Em outras palavras, os galhos que brotam desses troncos estão firmados nas ideias-base de cultura enquanto algo dinâmico e a apropriação singular das mídias sociais e internet feita pelos povos indígenas, em especial as e os jovens⁶, como ferramentas de luta

⁶ Neste trabalho o uso do artigo feminino na frente do artigo masculino diz respeito ao posicionamento pessoal da autora de que a escrita acadêmica é marcada por um machismo implícito. Ao priorizarmos o artigo feminino frente ao masculino trazermos à memória a imagem feminina antes da masculina. Com isso, a figura feminina ganha tanta relevância quanto a masculina, que naturalmente já é privilegiada dentro do imaginário social. Todavia, isso não exprime a opinião da cultura dos Povos Guarani e Kaiowá acerca das relações de gênero, visto que a categoria gênero é uma categoria ocidental e esses povos possuem um posicionamento e entendimentos próprios em relação a noção de mulheres e homens. Como mostra a autora Lauriene Seraguza (2018, p.58 apud SERAGUZA, 2013): "Entre os Kaiowá e os Guarani em Mato Grosso do Sul, pude perceber que as

por direitos sociais e territoriais, bem como a fortificação das identidades étnicas desses jovens indígenas e seus laços com suas comunidades.

"Posso Ser Quem Você é sem deixar de ser o Que Sou", é o que dizia o incipiente movimento indígena brasileiro em meados dos anos 70, a existência deste trabalho prova que continuamos a escutar essas vozes que são práticas dos povos indígenas ao longo de suas histórias e trajetórias até-aqui.

2.1. Tudo que compõe o mundo indígena é indígena

Como comentamos na seção anterior (*Sementes*), a pesquisa foi desenvolvida formalmente através de entrevistas semi estruturadas remotas entre os anos de 2020 e 2021. Tendo em vista a necessidade de repensar as formas de presença na Reserva Indígena de Dourados em período de isolamento social, os/as jovens indígenas se mostraram enquanto caminho possível. Visto que uma vez impedida de fazer trabalho de campo na Reserva, tornou-se necessário olhar para o que se projetava dela para o externo a ela. Então, os espaços virtuais se tornaram espaços de análise, quer seja pela possibilidade de presença dos e das indígenas neles, ou pela impossibilidade e ausência dos mesmos nos novos meios de comunicação social.

Meu contato com os jovens indígenas durante o período de isolamento social se deu através do acompanhamento dos Conselhos e Assembleias indígenas⁷, tais como a Aty Guasu – Grande Assembleia Guarani Kaiowá; Kuñangue Aty Guasu – Assembleia das Mulheres Guarani Kaiowá; Assembleia da Retomada Aty Jovem (RAJ) e pela presença de amigos e colegas indígenas no “Coletivo Geografias Indígenas, Gentes, Terras – CGInd” da

relações de gênero se dão sustentadas pela noção de que homens e mulheres são “opostos equivalentes assimétricos”.

⁷ **ASSEMBLEIAS E CONSELHOS REALIZADAS DE MANEIRA REMOTA ENTRE OS ANOS DE 2020 - 2021:** VIII KUÑANGUE ATY GUASU – Grande Assembleia de Mulheres Kaiowá e Guarani. 28 a 30 de novembro de 2020. Transmissão online no Facebook. ATY GUASU ONLINE – Reunião Online da Aty Guasu. 19 de janeiro de 2020. Transmissão online no Facebook. RETOMADA ATY JOVEM (RAJ) – I Encontro Online da Juventude Kaiowá e Guarani. 13 de dezembro de 2020. Transmissão online no Facebook. ACAMPAMENTO TERRA LIVRE (ATL) – 16º edição do Acampamento Terra Livre. 27 e 30 de abril de 2020. Transmissão ao vivo no Youtube. I MARCHA DOS ESTUDANTES INDÍGENAS - 05 de outubro de 2021. Transmissão online no Facebook. II MARCHA DAS MULHERES INDÍGENAS - 7 a 13 de setembro de 2021. Transmissão online pelo Facebook. ACAMPAMENTO TERRA LIVRE (ATL) - 17 º edição do Acampamento Terra Livre. 6 a 11 de abril de 2021. Transmissão online pelo Facebook. ACAMPAMENTO LUTA PELA VIDA. 22 e 28 de agosto de 2021. Transmissão online pelo Facebook.

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). As trocas e o convívio virtual com as e os Guarani, Kaiowá e Terena foi de extrema importância para trabalhar uma vez que as e os membros indígenas do coletivo compartilhavam as dificuldades enfrentadas em seus territórios e as soluções encontradas dentro das comunidades durante a pandemia. Comunicar, movimentar e cobrar as redes de apoio existentes entre as (os) pesquisadoras (es) das Universidades e as comunidades indígenas se fez necessário e ainda se faz necessário para diminuir os impactos negativos da pandemia nos territórios indígenas.

Com relação às ocasiões relatadas pelas companheiras (os) indígenas destaca-se a dificuldade dos estudantes em acessarem e permanecerem online nos espaços virtuais criados pela Universidade no período de pandemia, como as recorrentes salas de reuniões, aulas síncronas e os grupos de mensagens. A presença precária das e dos acadêmicos indígenas nesses espaços letivos está relacionada a velhas posturas de descaso e negação de direitos aos povos tradicionais.

A título de exemplo, um de nossos colegas, professor indígena, para participar das reuniões do grupo de estudo deslocava-se de sua casa até a escola da aldeia. Este, o único local dentro da aldeia com uma conexão de internet estável o suficiente para suportar uma reunião de longa duração, além de ser um dos poucos locais capaz de oferecer estrutura adequada e ambiente tranquilo para possibilitar a participação do estudante em suas atividades acadêmicas mesmo sem interrupções.

Como é possível notar os caminhos propostos para a educação superior em tempos de pandemia exclui uma parcela significativa do corpo discente. Quando pensamos a realidade da UFGD e sua condição de universidade pública interiorana, possuindo uma quantidade significativa de acadêmicos/as territorializados em aldeias, assentamentos e comunidades rurais tal problema se intensifica.

Apesar da discussão acerca das políticas e medidas de permanência dos acadêmicos indígenas durante o período da pandemia da COVID-19 não ser o foco principal do texto, consideramos importante destacar a realidade dos acadêmicos indígenas para nossa reflexão pois as contradições no uso e acesso da juventude indígena às mídias sociais e à internet compõem nosso argumento central, pois mesmo que de maneira precária percebemos as e os jovens indígena ocupando os espaços virtuais.

Mais que isso, as e os jovens indígenas enxergam nas novas mídias uma ferramenta e possibilidade de reivindicação de seus direitos sociais e territoriais, bem como para o

fortalecimento de suas identidades étnicas. A criação em 2011 de um endereço eletrônico para a Assembléia Geral dos Povos Indígenas (Aty Guasu) por uma comissão de jovens indígenas, como relembra o pesquisador e liderança Guarani⁸ Tónico Benites (2014, p.14) aponta isso:

Um dos principais objetivos da criação do endereço da assembleia geral indígena (Aty Guasu) na rede social é divulgar as informações efetivas e integrais, contextualizando-as, apresentando-as pelos próprios indígenas atingidos. Dessa forma, nesse endereço são traduzidas e disponibilizadas pelos jovens indígenas as notas públicas das lideranças indígenas, os documentos escritos destinados às autoridades, as petições, as fotos, os vídeos resultantes de encaminhamentos das lideranças indígenas, socializando as concepções, os motivos, as posições dos indígenas. Além disso, os conteúdos divulgados neste endereço do Aty Guasu no Facebook e em blogs são exclusivamente de autoria dos indígenas e ficam acessíveis a todos os povos indígenas e não-indígenas que acessam a internet. Constantemente são feitos informativos atualizados pelos jovens indígenas.

Como podemos notar, a maneira como os jovens indígenas se apropriam e dão sentido às tecnologias e às redes sociais, não raramente, está acompanhada pelas demandas antigas dos povos originários, à luta por seus territórios tradicionais. Os apontamentos feitos pelo autor Guarani Tónico Benites entram em convergência com a fala inicial do Nhanduru Jorge que em um sopro de sabedoria nos abriu os caminhos de reflexão.

Os jovens indígenas tomaram também o aprendizado de leitura, escrita e informática como um desafio, pois muitos não índios duvidavam e duvidam que indígenas pudessem ler, escrever, dominar a nova tecnologia e internet, dizendo que ler, escrever bem, dominar a informática e internet não eram coisa de “índio (BENITES, 2014, p. 16).

Antes de continuarmos com a discussão é preciso localizarmos melhor quem são estas “gentes” que se convencionou chamar de *juventude indígena*. Para isso, precisamos entender o que significa ser jovem entre as e os Kaiowá e Guarani:

Na concepção dos Guarani e Kaiowá, a fase do jovem começa a partir de 14

⁸ A auto identificação dos povos pertencentes ao tronco linguístico Tupi-Guarani no estado do Mato Grosso do Sul segue a seguinte dinâmica: os sujeitos pertencentes ao povo Guarani Nhandevã utilizam apenas o nome “Guarani” em sua auto identificação. Já os Guarani Kaiowá preferem o termo Kaiowá apenas. Tal dinâmica marca relações importantes de afirmação e diferenciação que estes travam entre si e em seus territórios étnicos. Sendo de extrema importância em nossas relações respeitarmos e utilizarmos os termos conforme a auto identificação destes.

anos de idade, o menino com a mudança de voz e a menina com a primeira menstruação. Sendo assim, passam para outra fase, ainda não adultos, mas se preparando para a fase adulta, o que ocorre mais ou menos após os 14 anos de idade. Com a mudança de voz, o menino é liberado pela mãe e a avó para acompanhar os homens. (BENITES, 2014, p 16).

O autor descreve os ritos de passagem que estes povos possuem, mas seguiram os ritos tradicionais de passagem na contemporaneidade os únicos definidores do pertencimento destas gentes à “*juventude indígena*”? Como já aprendemos, a cultura é por essência dinâmica e a natureza de tudo que existe é o movimento. Por isso, atualmente em resposta aos diversos processos de desterritorialização que as comunidades indígenas sofreram e a espoliação de seus territórios tradicionalmente ocupados, aliado à projetos de genocídio encabeçados pelas forças do Estado e do capital, a organização social e a identidade étnica reflete em formas alternativas de “ser e viver” enquanto um Kaiowá e um Guarani na contemporaneidade, como destacado por Tônico Benites.

O conceito de juventude indígena não é formado apenas por critérios tradicionais de definição de fases da vida de um Guarani ou de um Kaiowá, engloba aspectos que conferem algum tipo de relevância destes dentro da própria comunidade podendo ser a presença em cursos superiores das Universidades, profissões que conferem algum tipo de autoridade como professores, políticos. Atualmente artistas e influencers digitais começam a ocupar esse espaço.

Rosely Pacheco e Ribeiro Fernandes (2016, p.234), interpretam que “a categoria “*juventude indígena*” pode ser considerada enquanto uma categoria em transição ou em construção”. Ainda segundo os autores, “estudos antropológicos e as etnologias, elaborados em campo, demonstram que as categorias de idade são afeitas de acordo com o status social que os indivíduos adquirem ao longo da vida, podendo sofrer alterações de acordo com as etnias”. (VALE; RANGEL, 2008).

Dessa maneira, sob a tese de que “em cada ambiente social observa-se a construção de categorias de idade que variam estrutural e culturalmente, apresentando-se com uma diversificação bastante relevante” (PACHECO; FERNANDES, 2016, p.234) propomos ao longo deste trabalho enxergarmos as profissões de artistas e influencers digitais indígenas que vem surgindo dentro das comunidades indígenas recentemente (como veremos melhor nas sessões subsequentes) como um produto das transformações sofridas pelos povos indígenas nas últimas décadas, bem como um produto do crescente acesso destes à internet e à outras ferramentas de comunicação digital, o que faz com que alguns jovens indígenas gozem de um

certo status dentro de suas comunidades devido suas habilidades de domínio de mais uma ferramenta do mundo dos *karai* e que torna-se indígena porque compõem o mundo indígena.

Maritza Urteaga e Luis Fernando García Álvarez (2005, p. 9) em seu Dossier intitulado “*Juventudes étnicas contemporáneas en Latinoamérica*”, elucidam que questionarmos acerca das juventudes étnicas é “una pregunta por las estructuras y los procesos que en la actualidad condicionan las actuaciones de estos sujetos jóvenes, así como por sus prácticas y encuentros con la experiencia múltiple, fragmentaria, efímera, precaria y frágil de lo moderno.

O que os autores compreendem como experiência múltipla, fragmentária, efêmera, precária e frágil do moderno em outros termos, dialoga com o pesquisador Tonico Benites quando argumenta o desafio da juventude indígena de dominar a internet e as mídias sociais. Além disso, o uso que a juventude indígena dá às ferramentas de comunicação “*karai*” colocam em xeque os discursos de aculturação⁹ (COHN, 2001) que sentenciam as novas gerações a perda gradual de suas identidades étnicas na medida em que se relacionam e adentram ao mundo ocidental. O que vemos é que em sentido contrário a juventude indígena através de sua experiência múltipla tem utilizado as mídias sociais e a internet para reafirmar seu pertencimento étnico e o compromisso com suas comunidades.

A compreensão da internet e sua relação com a cultura nos ajuda a perceber melhor as intencionalidades que os jovens indígenas dão a ela. Christine Hine no livro *Virtual Ethnography* propõe duas linhas para o entendimento da internet: a primeira entende a internet enquanto cultura e a segunda enquanto artefato cultural. A segunda linha é a que nos interessa pois a internet como um produto da cultura “favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior (...) pela integração dos âmbitos online e off-line” (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 42 *apud* POLIVANOV, 2013, p.63). “Assim, coloca-se a ênfase nos diversos usos e apropriações que os atores sociais fazem da internet, entendendo-a como um artefato com

⁹. “Aculturação foi definida como o estudo dos fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos possuindo culturas diferentes entram em contacto direto e permanente e das conseqüentes mudanças nos padrões culturais desses grupos. [...] Essa conceituação foi posteriormente criticada pelos próprios autores, especialmente porque deixava de caracterizar a "natureza", do fenômeno e pela dificuldade de estabelecer um critério adequado para definir a situação de contacto. O problema não é de terminologia, mas de atitude teórica diante do fenômeno de mudança cultural, seja ela resultante de fatores internos, inerentes à própria cultura, seja resultante de contacto entre dois povos, ou de ambas as causas” .

significados culturais diversos”. (POLIVANOV, 2013, p.63).

Desde este ponto de vista, *indianiza-se* as redes sociais e os ambientes virtuais a partir do momento que os e as indígenas se apropriam delas e nos apontam que ***tudo que integra o mundo indígena é indígena.***

Por fim, Maritza Urteaga y Luis Fernando García Álvarez concordam que para compreender a juventude indígena “Necesitamos repensar las teorías que usamos para entender la acción social, construir acercamientos distintos al objeto de estudio y levantar metodologías para “ [...] entender la complejidad de un mundo social donde las identificaciones múltiples (de los actores) son la norma y no excepción” (VILA, 2012: 167 y 169 *apud* URTEAGA; ÁLVAREZES, 2015, p.10).

Construir novas formas de aproximação entre os e as pesquisadoras e os e as jovens indígenas é fundamental para uma etnografia que permaneça online quando estivermos "offline" em nossa presença física nos territórios, seja por conta da pandemia ou por outras questões. Para isso, para a conhecer a juventude indígena verdadeiramente propomos também acompanhá-los em suas redes sociais pessoais. As e os jovens indígenas em suas redes sociais pessoais escolhem como querem se apresentar para o mundo e o que desejam compartilhar ou não na rede global de computadores. Por isso, ao estabelecermos relações com esses jovens nos espaços virtuais estamos conhecendo parte dessa nova identidade indígena contemporânea, produto do encontro entre o tradicional e o moderno, da qual estivemos comentando.

Luz

A luz para as plantas é condição para a vida. Na fotossíntese as plantas captam a luz solar para convertê-la em energia química que gerará compostos orgânicos importantes para a planta. Na fotografia, o processo ocorrido entre a captação de luz para geração de compostos é similar: “O registro da imagem pela câmera acontece porque ela capta a luz refletida pelos elementos. Esse processo imita o que ocorre no olho humano. Por isso, *fotografia*, uma palavra de origem grega, significa a arte de escrever com a luz” (CPT, 2021) .

Trazendo essa reflexão para o contexto do nosso trabalho, imaginamos que as mídias sociais, o audiovisual e a internet são meios de comunicação e de expressão que as e os jovens indígenas utilizam para captar a luz de suas identidades étnicas e cosmovisão de seus povos e gerar produtos que interessem ao coletivo de suas comunidades, atuando muitas das vezes, ao lado dos movimentos indígenas tradicionais e no combate à inimigos comuns, como o colonialismo, racismo e o preconceito.

O movimento indígena, a luta pelos territórios tradicionais, a música e o audiovisual são todos pontos de convergência para a juventude indígena. Para exemplificar a imagem abaixo retrata o encontro presencial ocorrido, pela primeira vez, entre as três cantoras do cenário atual da música indígena contemporânea, Kaê Guajajara, MC Anarandá e Katu Mirim, na II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, no ano de 2021, compartilhado através do instagram pessoal da cantora Kaê. Recentemente, entre os dias 22 e 28 de agosto de 2021, o Acampamento Luta pela Vida, reuniu em Brasília 5 mil indígenas, de 117 povos de todas as regiões do Brasil na luta contra a agenda anti-indígena e contra o Marco Temporal (CIMI, 2021). Luan (atuando na equipe de comunicação do evento), dentre outros jovens que conversamos na realização desta pesquisa, também estiveram presentes na mobilização.

O Acampamento Luta pela Vida e a II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, para além de sua importância na luta em defesa da demarcação dos territórios indígenas e na promoção de direitos básicos para essas comunidades, serve como palco para o encontro entre mundos e cartografias de diversos povos indígenas do Brasil. Os encontros entre pessoas e suas histórias propiciadas por eventos desse porte seguem no plano das redes sociais, onde as e os jovens viram “seguidores” uns dos outros e movimentam suas redes sociais com fotos, vídeos e posts desses novos laços de pertencimento indígena, amizade e companheirismo. Bem como importantes parcerias profissionais, artísticas e/ou românticas.



Imagem 3: Da esquerda para direita Kaê, indígena do povo Guajajara, cantora, compositora, atriz, autora e ativista indígena brasileira (89,5 milhões de seguidores no Instagram), Anarandá Guarani kaiowá, Rapper, locutora, professora de guarani, acadêmica, digital influencer indígena (3.611 seguidores no Instagram) e Katú Mirim, rapper, compositora, atriz e ativista da causa indígena (98,3 milhões seguidores no Instagram).

Como podemos notar, a presença das e dos jovens indígenas nos espaços tradicionais de luta indígena é um renove para a luta indígena, pois não só representa a atualização e diversificação dos meios e das frentes de luta disponíveis, mas também representa o movimento de geração de luz, ou geração de vida, como abordamos no início da seção característico das plantas e da fotografia. Queremos dizer, a cultura, também se vale da luz de novos contextos e da luz de novas subjetividades para gerar produtos e continuar existindo. A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha coloca:

Em suma, traços culturais poderão variar no tempo e no espaço, como de fato variam, sem que isso afete a identidade do grupo. Essa Perspectiva está, assim, em consonância com a que percebe a cultura como algo essencialmente dinâmico e perpetuamente reelaborado. A cultura, portanto, em vez de ser o pressuposto de um grupo étnico, é de certa maneira produto desde (CUNHA, 1997, p.116 apud TROQUEZ, 2019, p.54).

Por fim, é preciso dizer que a participação das e dos jovens indígenas e o seu protagonismo não foi um processo fácil. Em muitos espaços de deliberação indígena, como as Grandes Assembléias dos Povos Guarani e Kaiowá, as e os jovens não tinham espaço de fala e não era lhes dado o direito de decidir e refletir acerca de suas próprias questões, é o que nos afirma a liderança jovem Indianara Machado da Associação dos Jovens Indígenas (AJI):

Os jovens não tinham esse espaço pra poder falar, pra poder pautar políticas que venham afetá-los, questão do suicídio da violência. Nós não éramos ouvidos, esse processo quem iniciou eu quando criança, né, acompanhava as minhas irmãs. Nós participamos desse processo, a gente ia na Aty Guasu e falavam “ó vocês não falam”, aqui não tem vez, quem fala são os mais velhos. Isso é especificidade cultural. Então pra conquistar esse espaço de afirmar jovens indígenas foi um processo e isso quem construiu juntamente com o movimento de juventude, né, foi a AJI. (Informação verbal, 2019. II Colóquio de Geografias e Povos Indígenas).

Indianara nos mostra também a importância do domínio das tecnologias por parte dos jovens indígenas para a aceitação das e dos jovens indígenas nos espaços de deliberação tradicionais, consolidando uma “*juventude indígena*” capaz de ser ouvida e respeitada em suas decisões e reflexões sobre o presente e futuro dos jovens.

Os mais velhos conseguiram entender essa dinâmica de que precisam da gente porque quem domina a tecnologia hoje são vocês. Os jovens, né. Quem tem o conhecimento às vezes da escrita, da caneta, são os jovens. Então, assim, quando a liderança tradicional, quando as Nhandesy, os Nhanderu entendeu essa reflexão, né. Entendeu da importância também do bem do jovem tá junto. Foi o momento que a gente conseguiu se afirmar jovem indígena. (Informação verbal, 2019. II Colóquio de Geografias e Povos Indígenas).

3.0 Construir territórios é construir identidades, ao mesmo tempo em que construir identidades é construir territórios

Estivemos refletindo acerca das mídias sociais e da internet e seus encontros com os povos indígenas nas últimas décadas, em especial com seus e suas jovens. Pensamos e observamos seus cruzamentos mais visíveis, como a forma que as mídias digitais foram sendo

apropriadas pelos jovens indígenas em prol da luta pela terra e pela vida, ao lado dos movimentos tradicionais reivindicatórios dos povos indígenas, suas assembleias e outras formas de organização e luta. E concluímos que as mídias digitais, notadamente, servem em alguma medida ao interesse desses povos, oferecendo a possibilidade desses desmantelarem falsas verdades ao seu respeito, propagadas pelas mídias tradicionais, e darem a sua própria versão dos fatos, principalmente no que diz respeito a disputas fundiárias com fazendeiros. Sendo uma forma possível de articulação, propagação e transformação de seus territórios.

Historicamente, a manifestação e as reivindicações dos povos indígenas pelas efetivações de seus direitos e, sobretudo, pela defesa e recuperação de seus territórios tradicionais são apresentadas na grande mídia e na internet como atos altamente violentos, perigosos e ilegais. É importante destacar que estas representações e descrição dos indígenas acabaram se tornando a visão dominante, que é generalizada e divulgada de forma naturalizada pela mídia. Mas as lideranças indígenas idosas tinham dificuldades de contrapor essa divulgação.

[...]

Para contrapor e desconstruir as informações tendenciosas da mídia dominante sobre os indígenas, os jovens Guarani e Kaiowá começaram a utilizar as redes sociais, através do Facebook e de blogs (BENITES, 2014, p.14)

Todavia, a discussão acerca das mídias sociais e os povos indígenas passa não só pelos encontros e desencontros de gerações, como já mencionamos, ou pelo debate acerca da experiência fragmentária das e dos jovens indígenas do dito moderno. Devemos, também, nos atentarmos a outro ponto: *o território*. As condições socioespaciais têm influência direta nas oportunidades de acesso das e dos jovens indígenas às tecnologias e às novas mídias. A autora Julliana Mota (2015, p.22) comenta:

A importância do espaço para a organização social dos povos, das diferenças, das identidades, dos territórios, das territorialidades, das memórias [...], não é possível refletir sobre a vida em sua multiplicidade, sem o espaço, pois se os sujeitos não são a-históricos, tampouco são a-espaciais.

Portanto, para seguirmos em nosso debate traremos para compor o texto uma breve exposição da história e dos processos de desterritorialização e reterritorialização precária¹⁰ que foram submetidos os povos que hoje residem na Reserva Indígena de Dourados. Em

¹⁰ O uso dos conceitos de desterritorialização de seus territórios tradicionalmente ocupados e reterritorialização precária das famílias indígenas na Reserva Indígena de Dourados advém da tese de doutorado em Geografia da autora Juliana Grasiéli Bueno Mota, recomendamos a leitura da obra para o conhecimento mais aprofundado dos termos.

seguida, refletirmos acerca dos projetos e iniciativas desempenhados em territórios indígenas com o intuito de democratizar o acesso dos povos indígenas ao audiovisual e às mídias sociais com o objetivo de transformar, através do audiovisual, a maneira como esses jovens entendem a si próprios, suas comunidades e territórios. Através do relato de Luan, pensamos nas condições de acesso das e dos jovens residentes da Reserva Indígena de Dourados ao mundo digital, bem como imaginar caminhos futuros de acesso das e dos jovens ao audiovisual e sua produção de sonhos, esperança e luta.

Turra Neto (2021, p.39) define “o espaço é condição para a sociabilidade, a forma como o espaço está estruturado joga um papel importante no acontecer das práticas e nos ritmos da sociabilidade”, visto que para se compreender a formação das identidades da juventude indígena é imprescindível compreender antes a relação de construção mútua entre o indivíduo e o território. Pois, o ser social não somente está em plena relação com sua condição territorial, se não é produto e produtor dela (MOTA, 2011, p.119).

Os caminhos, como citamos anteriormente, passam pelo apreender e reflexionar acerca dos processos e discursos legitimadores da construção da Reserva Indígena de Dourados, no ano de 1917, pelo órgão governamental Serviço de Proteção ao Índio (SPI). A autora Graciela Chamorro (2019, p.9) revela que as reservas indígenas criadas no estado do Mato Grosso do Sul “foram a reedição republicana da velha política de aldeamento, praticado pelo Estado desde o século XVI, para melhor servir-se dos indígenas, melhor catequizá-los e melhor administrá-los”.

As Reservas, que tinham como finalidade “receber” as famílias dos povos Guarani, Kaiowá, Terena, entre outras etnias que sofriam a usurpação de seus territórios tradicionais para o uso destas pelas frentes de ocupação e expansão econômica não-indígena tem a ideia-base de sua criação vinculada ao discurso de assimilação dos indígenas à sociedade nacional. Em outras palavras, serviam a ideia de progresso nacional que visava ocupar os ditos “*territórios vazios*” do país (MOTA, 2011), levada a cabo pela organização indigenista estatal Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

O recolhimento forçado e violento dos índios para as Reservas, em especial à Reserva de Dourados, deve ser considerado como inerente às práticas colonialistas do SPI ao impor outras formas de construir territórios, *desmarcando* as fronteiras e práticas étnicas de territorialização Guarani e Kaiowá na produção de *tekoha*. (MOTA, 2019, p. 266).

A desterritorialização sofrida pelos Guarani, Kaiowá e Terena de seus territórios tradicionalmente ocupados e reterritorialização precária no espaço da Reserva Indígena de Dourados, bem como as práticas e violências colonialistas que formaram o território da Reserva Indígena de Dourados se reflete nas identidades e territorialidades das e dos jovens indígenas da atualidade.

Os processos socioespaciais que passaram os povos indígenas resultaram em transformações radicais na vida dessas comunidades, as novas configurações socioespaciais forçaram a reconfiguração das identidades, individuais e coletivas, dos Guarani, Kaiowá e Terena. Tendo em vista, principalmente, a necessidade de compartilhamento de território imposta a esses povos, já que no passado a configuração social territorial desses não incluía o compartilhar do território com outras etnias e com aqueles considerados não parentes ou aliados políticos.

Com base nisso, é preciso salientar que a juventude Guarani, Kaiowá e Terena residente da Reserva Indígena de Dourados possui particularidades importantes a serem consideradas, visto que a Reserva Indígena de Dourados é diferente de outras aldeias indígenas existentes no estado do Mato Grosso do Sul, pois configura-se como um sistema multiétnico: casa de Guarani, Kaiowá, Terena, Bororó, Kaingang, Kadiwéu e não indígenas paraguaios e brasileiros.” (CHAMORRO, 2019, p.10).

Um espaço marcado pela diversidade e alteridade, onde as relações interétnicas são parte fundamental do dia-a-dia dos moradores e moradoras. Como aponta o pesquisador Levi Pereira Marques (2014, p.25):

No cenário multiétnico da RID, a identificação das etnias se mantém como elemento ordenador das relações sociais, mesmo ocorrendo expressivo número de casamentos interétnicos. Muitos desses casamentos resultam em relações matrimoniais tensas ou em discordâncias sobre o modo como criar os filhos, mas muitas relações são também significativamente harmônicas, resultando em arranjos parentais que ampliam as possibilidades de convivência interna entre as etnias e com o entorno regional.

Luan, Guarani Nhandeva, residente da aldeia Jaguapiru, na Reserva Indígena de Dourados, em entrevista nos relata que na sua visão as mudanças identitárias e socioterritoriais sofridas pelos povos Guarani, Kaiowá e Terena no passado foi resultado de brigas e disputas entre as diferentes redes de parentes e não aliados existente na Reserva, mas

que hoje o acirramento de brigas, disputas e distanciamento entre as etnias não parece ser o futuro da Reserva de Dourados. Muito pelo contrário, o jovem nos conta que as relações interétnicas na Reserva parecem caminhar para o fortalecimento de alianças e acordos entre as famílias das diversas etnias.

A reivindicação feita pelas e pelos estudantes indígenas com a capitania da aldeia, no ano de 2019, foi para retorno do ônibus da prefeitura de Dourados responsável pelo transporte das e dos estudantes indígenas da Reserva de Dourados ao campus da UEMS (Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul) e da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), que havia sido cancelado pela prefeitura por falta de recurso. Luan nos conta:

Eu vejo que eles estão unidos assim, entende. As etnias não tem esse preconceito assim porque a gente luta por uma mesma causa entende. A gente sofre o mesmo preconceito independente da etnia, independente da língua, sabe. É como se todos os indígenas fosse igual entende então a gente se uniu pra gente poder ir lutar por essa causa “*não, a gente precisa de um ônibus*” entende, a gente precisa porque não temos condições de ir todos os dias até na faculdade entende até porque a gente tá muito esquecido dentro das aldeias, né. É como se a aldeia fosse só o nosso lugar, a gente tá “custiado”/inaldível ali e pronto como se fossem animais, somos esquecidos. Então é mais ou menos isso, minha visão sobre tudo, sobre essa união a gente tá ali tudo por uma causa só. (Entrevista I. [maio. 2020]. Entrevistador: Leticia Espadim Martins. Dourados, 2020. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

Com base nessa fala, fazemos menção a fala de uma senhora Guarani, líder de uma área de retomada indígena visitada em trabalho de campo antes da pandemia. A senhora relata que a união entre as etnias é urgente para o fortalecimento da luta indígena. A desvalorização e estigmatização do “*outro*” são atitudes próprias das forças estatais e do agronegócio que violentam o “*ser indígena*” todos os dias. Dessa forma, por serem vítimas de práticas desse tipo, as e os indígenas não podem reproduzir entre as etnias, comunidades e famílias as mesmas atitudes. Ao final, a senhora faz um alerta que conflitos entre as etnias servem, apenas, para o enfraquecimento da luta conjunta dos povos indígenas.

Outro ponto que aparece na fala de Luan é que devido ao fato da Reserva Indígena de Dourados ser um sistema multiétnico, as famílias possuem um entendimento diferente, ou talvez, uma abertura maior para casamentos e relacionamentos amorosos interétnicos, em comparação a outras aldeias indígenas do estado do Mato Grosso do Sul. Exemplo é a aldeia "Jarara", formada por famílias de maioria Guarani Nhandeva. As diferenças entre a aldeia de Dourados e a aldeia Jarara é expressa pelo jovem abaixo da seguinte forma:

Tá tudo misturado entende as famílias, tipo, recebe bem um ao outro até porque falando assim um pouco eu tive um relacionamento com uma menina terena e a família da minha ex namorada, tipo o pai dela, era a família do pai dela era tudo terena, mas a mãe dela era da cidade, era mineira. Aí dá pra ver a diferença no contato. Então por ali dá pra ver que não há esse preconceito como tem nas outras aldeias que, por exemplo, na minha aldeia onde eu morava, na aldeia Jarará falando um pouco de lá né. Lá se a menina da aldeia casasse com um branco ele tinha que morar na cidade. Porque, porque eu não sei. Hoje tá mais liberado. (Entrevista I. [maio. 2020]. Entrevistador: Leticia Espadim Martins. Dourados, 2020. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

A visão de Luan acerca das particularidades das relações interétnicas da Reserva Indígena de Dourados é tema de reflexão também de Levi Pereira (2014, p.25), em suas palavras:

É notável a diferença quando se compara os habitantes da RID com seus patrícios de comunidades compostas exclusivamente por membros de uma única etnia. Assim, o cenário multiétnico da RID imprime distinções nas etnias que entram em sua composição, sendo que tais distinções são muito explicitadas por membros de outras comunidades quando interagem com pessoas oriundas da RID. É claro que os membros de cada uma das três etnias que vivem na RID muitas vezes mudam para as comunidades monoétnicas de seus patrícios e se inserem plenamente em suas comunidades, mas isto sempre exige certo esforço de adaptação aos estilos de vida aí praticados, significativamente distintos do modo como se vive na RID. É comum ouvir a expressão “o Douradão é diferente” dos outros lugares.

As relações interétnicas com o passar das décadas se intensificaram e tornaram mais frequentes, o que não significa que as diferenças culturais entre os povos tenham desaparecido ou se diluído em uma identidade amorfa e comum a todos os povos residentes da aldeia. Quem nos ensina isso é a indígena Guarani Nhandeva, Adrieli, residente da aldeia Jaguapiru, na Reserva Indígena de Dourados. Adrieli, compartilha o pensamento de que o “*índio é cultura*”. E diferente das falas dos indígenas anteriores, revela que o que aproxima os povos pode, também, os distanciar:

O índio é cultura, né. Então eu posso afirmar pra você que nunca vai ter uma concordância entre esses três povos que tem aqui, Guarani, Kaiowá e Terena, nunca. Pode haver um dia que os três vão concordar em fazer alguma coisa, né, “podemo dá” um exemplo: fazer uma pintura, né. Mas em questão de

política, é... Não, quando eu digo política eu não digo política eleitoral ou partidária, né. Digo política pública, política, questão cultural. Os três povos nunca vão se unir infelizmente ou felizmente, né, porque se eu digo “infelizmente” eu quero que isso acabe, né, mas é isso que nos afirma como indígena, né: a nossa cultura. (Entrevista II. [maio. 2020]. Entrevistador: Leticia Espadim Martins. Dourados, 2020. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

O desafio aceito pela juventude indígena de dominar as tecnologias digitais engloba os conceitos de território, tecnologia e identidade e transforma constantemente a vida cotidiana desses jovens. Seja nas mudanças geracionais vivenciadas no que significa “*ser e viver como indígena*” na atualidade; seja no lidar com as imposições e desafios diários de territórios precários (MOTA, 2011) como o da Reserva Indígena de Dourados (sobrelotação, criminalidade, dificuldade no acesso à serviços básicos de saúde, educação, conflitos étnicos, etc).

Como vimos, o contexto de violência colonial e desterritorialização sofridos pelas comunidades Guarani, Kaiowá e Terena na metade do século XX criam a Reserva Indígena de Dourados e a cartografia complexa de múltiplos caminhos de dor e perda que ligam esses povos ao território da Reserva... Posteriormente, já no século XXI, a esperança começa a desenhar caminhos dentro da Reserva Indígena de Dourados. A proximidade da cidade de Dourados com a Reserva de Dourados torna esta última um lugar atrativo a pessoas que buscam oportunidades de emprego, educação, etc. Tendo em vista a conurbação entre Reserva e as cidades de Dourados e Itaporã (grande parte do perímetro da Reserva faz parte da cidade de Itaporã), o que aumenta as ofertas de empregos e de serviços básicos como saúde e educação (mesmo que de maneira precária). Com isso, inicia-se uma nova migração de famílias Kaiowá, Guarani e Terenas para a Reserva. Tal fato é relatado pelo autor Levi Pereira (2014, p.12) quando comenta sobre a migração Terena para a Reserva Indígena de Dourados:

Desde sua demarcação, a RID se constituiu em local de concentração de serviços, o que também foi importante atrativo para a população terena que vivia em outras terras indígenas, ampliando o número deles em Dourados, processo que continua até os dias atuais. Mantém-se, até hoje, um fluxo permanente de migração terena para a RID.

Nossa intenção aqui é evidenciar os sentidos e os possíveis entendimentos para o pensamento que dá nome a esta subseção: “Construir territórios é construir identidades, ao mesmo tempo em que construir identidades é construir territórios” (MOTA, 2015, p.22). Para isso, estivemos conhecendo um pouco dos caminhos e trajetórias que conformam a cartografia

da Reserva Indígena de Dourados, passado e presente. Relações, conflitos, tensões, possibilidades, pontos de respiro e de fuga, luz e sombra na vida dessas pessoas. O antropólogo Levi Marques (2014, p. 24) resume bem a relação intrínseca existente entre identidade e território:

As populações étnicas kaiowá, guarani e terena na RID constroem suas figurações identitárias exclusivas em ambiente marcado por relações inter-societárias, interétnicas e interculturais. Tal ambiente é marcado pelas trocas que ora aproximam, ora distanciam pessoas e segmentos de pessoas, impondo o reposicionamento constante dos segmentos diferenciais e das distinções entre eles. Algumas práticas são partilhadas, mas, no momento de sua realização, elas acabam por repor diferenças intrínsecas à composição de cada segmento e, não raro, cria a possibilidade da articulação de novos módulos diferenciais, que podem se constituir **como nascedouro de formas organizacionais inteiramente novas**. A RID pode ser apropriadamente descrita como um laboratório étnico/social. [Grifo nosso].

“*Nascedouro de formas organizacionais inteiramente novas*”, utilizada por Levi, é a expressão chave para se ter em mente quando nos desafiamos a compreender a Reserva Indígena de Dourados e mais ainda a constituição e as intenções da categoria “*juventude indígena*”. Inclusive, o trecho a seguir atesta que a categoria “*juventude indígena*” do/no território da Reserva Indígena de Dourados, devido às especificidades deste território não é, de forma alguma, homogênea:

A relação dos moradores da RID com o entorno regional, com a sociedade nacional e mesmo com a sociedade mundial, proporcionada tanto pela circulação das pessoas como pelo acesso a mídia e internet, tornam possível a incorporação constante de novos materiais culturais. Na RID surgiram novas categorias geracionais, como jovens e adolescentes, bem como segmentos de interesse e expressão cultural, como cantores de Rap, grupos religiosos, redes de internautas e modalidades de gangs de usuários de drogas, denominadas de “malucos” que, muitas vezes, aterrorizam os demais moradores. Tal característica se apresenta como um desafio permanente para as lideranças da comunidade e para os gestores públicos, dada a dificuldade de conceber políticas públicas que deem conta de toda essa complexidade (MARQUES, 2014, p. 24).

O contato de Luan com os povos Terena e Kaiowá no cenário multiétnico da Reserva teve como um dos seus frutos um projeto musical que levava no título a essência da juventude da Reserva de Dourados, “GUATEKA¹¹”. E foi através desse projeto que Luan descobriu na

¹¹ Guateka é a junção dos nomes das etnias Guarani, Kaiowá e Terena, aparece no contexto da Reserva Indígena de Dourados devido a sua constituição multiétnica. Outras formação de palavras devido às interações entre esses povos são: Guate (casamento de guarani com Terena) e Guaka (Guarani com Kaiowá).

arte uma forma possível de sonhar e criar uma realidade diferente para si. A música abriu portas na vida de Luan para o Cinema que posteriormente se transformou no atual ofício de Luan, o registro da vida e dos sentimentos desse jovem e das comunidades indígenas do Mato Grosso do Sul através da fotografia, como veremos melhor na seção subsequente.

Uma banda, a GTK, que é Guateka do mesmo jeito. Então, eu formei esse grupo, por meio da música eu acho que eu tive vários, assim, abriu essas portas pra mim, entende, que além da música, além da poesia, que é o cinema, entende, que é um meio onde eu achei de, de falar, de mostrar a realidade, entende. Então, veio um teste de Dourados que era um filme chamado “A Pele Morta” que é da produção Araçá Filmes e eles vieram fazer, vieram ver um protagonista pra aquele filme, pra um indígena fazer aquele filme. Então, eu fiz os testes, eu passei e eu entrei dentro. Eu nunca tinha atuado, então foi assim “pá!”. Eu não sabia o que era atuar dentro de cinema, não sabia que era ser ator, entende. Do nada virei ator. De músico do nada virei ator. Então.. foi uma experiência incrível porque, cara, eu vi só pessoas brancas, entendeu, dentro do cinema. E, somente eu de indígena.

[...]

Então, eu achei muito interessante porque o cinema abriu muitas portas pra mim, como por exemplo, me fez, eu nem pensava, eu nem pensava, né, nunca quis também e também até porque nunca pensei que eu faria aquilo, entende. E eu virei fotógrafo. Depois do cinema eu virei fotógrafo, entende. E foi uma forma que eu achei também, que eu falei “cara, a arte é além da música”, entende. É além “da apenas” poesia, é além de apenas fechar contrato com uma produtora. Eu acho que tem mais. Então me abriu vários horizontes que eu vi várias oportunidades assim, várias, vamos dizer assim vários jeitos de eu poder mostrar, eu como indígena e também mostrar a realidade do meu povo. (Entrevista I. [maio. 2020]. Entrevistador: Letícia Espadim Martins. Dourados, 2020. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

Como podemos notar, a arte no contexto das aldeias indígenas, torna-se motor de sonho e de possibilidade de reconstrução de identidades étnicas e territorialidades.¹² “A preocupação não é só saber as técnicas, mas saber usar e fazer um movimento do audiovisual indígena. Nesse fórum vamos pensar para onde estamos caminhando com a utilização das novas tecnologias” (ELIEL, In. NOGUEIRA, 2015, p. 134 apud GORGES; QUELUZ, 2019,

¹² Rogério Haesbaert em Território e Multiterritorialidade: Um Debate (2007, p.22) conceitua que “A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (SACK, 1986, p.6)

p. 50). Essa é a fala de Eliel Benites¹³, um dos idealizadores da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI) ao lado de Gilmar Galache¹⁴, no primeiro Fórum de Discussão sobre Inclusão Digital nas aldeias (FIDA), realizado em 2010, na aldeia Te'Yikue, no município de Caarapó. A experiência da ASCURI nas aldeias do Mato Grosso do Sul é importante para nossa discussão acerca de jovens, audiovisual e mídias sociais na medida em que essa organização abriu e segue abrindo os caminhos para aquelas e aqueles jovens que desejam articular seus sonhos, desejos e visões de mundo através do audiovisual e das mídias sociais.

A ASCURI em sua página oficial se define como:

Nós da Associação Cultural dos Realizadores Indígenas (ASCURI) somos um grupo de jovens realizadores/produtores culturais indígenas de Mato Grosso do Sul (Brasil) que **busca, por meio da linguagem cinematográfica e das novas tecnologias de comunicação, desenvolver estratégias de formação, resistência e fortalecimento do jeito de ser indígena tradicional.** [Grifo nosso]

[...]

A ASCURI atualmente se estabelece como uma alternativa pensada por realizadores indígenas Terena, Kaiowá e Quechúa frente ao modo predominante de se pensar e de se fazer cinema na América Latina. A partir de nossa experiência, **acreditamos que novas mídias devam ser usadas em prol dos nossos direitos originários e da garantia de nossa participação ativa em temas que nos dizem respeito, tais como a gestão de nossos territórios, sua conservação ambiental, o uso de seus recursos naturais, e o desenvolvimento de políticas de segurança alimentar.** (ASCURI, 2021). [Grifo nosso]

¹³ “Eliel Benites, idealizador e integrante da ASCURI, nasceu na Terra Indígena Te'Yikue, antigo Tekoha, de mesmo nome, no município de Caarapó, em Mato Grosso do Sul. Iniciou sua trajetória como professor tradutor, em 1996. Em 1997, começou a lecionar como professor indígena. Formou-se na licenciatura indígena Teko Arandu, na área de ciências da natureza. Em 2014, concluiu o mestrado no Programa de Pós-Graduação e Doutorado da UCDB. É membro do movimento e comissão dos professores indígenas Guarani Kaiowá de Mato Grosso do Sul. Desde julho de 2013 atua como professor efetivo no Curso da Licenciatura Intercultural Teko Arandu da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e, em 2017, iniciou o doutorado em Geografia pela UFGD, aprofundando sobre a temática: Territorialidade Guarani Kaiowá. Cf.” (BENITES, 2014, p. 13-33 apud GORGES; QUELUZ, 2019, p. 48).

¹⁴ Gilmar Martins Marcos Galache é um indígena Terena, idealizador e integrante da ASCURI, que viveu grande parte da sua infância na aldeia Lalima, localizada a 45km de Miranda, em Mato Grosso do Sul. Aos 15 anos, foi estudar no internato da Fundação Bradesco, em Serra da Bodoquena. Mais tarde seus pais se mudaram para a capital Campo Grande, para que ele continuasse os estudos. Na capital, estudou em um colégio evangélico no centro da cidade. Em 2005, iniciou o curso de Design Gráfico na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), e, em 2017, concluiu o mestrado profissional em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília (UNB). Cf. (GALACHE, 2017, p.9-15 apud GORGES; QUELUZ, 2019, p. 48).

A frase que expressa um dos propósitos da ASCURI, que é “*por meio da linguagem cinematográfica e das novas tecnologias de comunicação, desenvolver estratégias de formação, resistência e fortalecimento do jeito de ser indígena tradicional*” dá forma a reflexão que estivemos semeando ao longo das sessões anteriores. O uso que as e os jovens indígenas dão às novas tecnologias de comunicação se difere de uma simples “inclusão digital”. O que notamos é a formação de uma estratégia bem definida por parte da juventude indígena para o uso das novas tecnologias de comunicação com o intuito de *desenvolver outras formas de resistência e fortalecimento das identidades indígenas*. O que já é sabido um objetivo antigo dos povos originários. Bem como já nos havia dito o Ñanderu Jorge: “Hoje a criançada na aldeia comanda o celular, a internet. Está levando a luta pra longe...” (Informação verbal, 2021).

A maneira como a ASCURI foi idealizada, em 2008, fruto da articulação transnacional entre os povos originários da América Latina durante a oficina "Cine Sin Fronteras", realizada em um povoado na Bolívia e organizada pelo documentarista Quechúa, Ivan Molina é mostra disso. Outro ponto interessante que a experiência da ASCURI nos revela é a necessidade da criação de canais de comunicação entre os mais velhos e os jovens para a produção de qualquer material cinematográfico, presente na fala de Eliel Benites:

Essa orientação de construção de um cinema indígena é baseada a partir do olhar dos mais velhos, que obtém essas raízes tradicionais de visão de mundo, do que ele viveu no passado com o seu território, na sua plenitude. Por isso o olhar dos mais velhos orienta essa produção, mas adaptado à nova realidade de hoje, a partir desse diálogo com os outros saberes. O objetivo também é justamente fazer essa reaproximação entre os mais velhos e os mais jovens através dos processos de produção de cinema, e aí **o cinema é como um elo, uma religação entre uma geração, que seriam os mais velhos, e as novas gerações de hoje**. Então esse modelo, o modo do não indígena chegar ao contexto indígena, ela resultou nessa ruptura muito grande dessas gerações. Assim, o que a ASCURI está buscando construir é a recomposição dessas rupturas que ocorreu entre as gerações indígenas aqui na fronteira do Brasil, em Mato Grosso do Sul (BENITES apud. GORGES; QUELUZ, 2019, p. 44; 53 - grifo nosso)

Este elo entre as gerações se estabelece através do cinema na consulta e valorização dos mais jovens aos saberes tradicionais dos mais velhos, *ñanderus* e *ñandesys*, na produção de material cinematográfico, mas também na posterior aprovação deste pelos mais velhos. A narrativa a seguir demonstra esse diálogo e importância de aprovação pelos mais velhos: “primeiro a gente mostra para os anciões, e depois com a permissão dos anciões a gente

começa a divulgar na cidade (Entrevista à Rádio MEC, 2017, 44'06''- 44'12'')” (GORGES; QUELUZ, 2019, p. 53). Essa forma comunitária e respeitosa de se produzir audiovisual difere de práticas recorrentes de circulação de imagens sem autorização por parte dos não indígenas. Como afirmam as autoras Maria Cláudia Gorges e Marilda Lopez Pinheiro Queluz (2019, p. 53)

Trata-se de uma relação de respeito, bem como de uma preocupação da ASCURI com o que pode ou não estar circulando. O que muitas vezes é desconsiderado por não indígenas, tendo em vista que muitas aldeias já passaram pela experiência de terem suas imagens veiculadas sem autorização, bem como por casos de desrespeito nos processos de gravação das imagens.

Ainda sobre a relação das gerações mais velhas e as mais jovens, a fala da jovem indígena Indianara Machado, líder da Associação dos Jovens Indígenas (AJI), já nos havia apontado nas seções anteriores para as tensões existentes entre as gerações quando relatou o processo difícil que foi o de inclusão das e dos jovens indígenas nos espaços de Assembléias indígenas, como as *aty guasu*. As autoras refletem que tal tensionamento pode estar relacionado, dentre muitos fatores, a“ [...] ambiguidade que permeia as novas tecnologias de comunicação. No sentido de que elas podem potencializar a luta indígena, ao mesmo tempo em que podem causar problemas, como o afastamento entre jovens e velhos na aldeia” (GORGES; QUELUZ, 2019, p. 53).

Hoje em dia, temos de um lado, os mais antigos, que veem os mais novos como desinteressados pela cultura, que não querem saber de nada, e por outro lado os jovens enxergam os velhos como antiquados. Nesse meio fica um vazio, ocupado muitas vezes pelas mídias hegemônicas, na qual reforçam uma perspectiva homogênea do jeito de ser. Onde antes havia as noites em volta da fogueira ouvindo histórias durante a noite, hoje são as novelas e jornais da televisão, aliados a possibilidade da internet 3G, e as rodas de mate pela manhã, foram substituídas pela corrida financeira, na qual os jovens entram bem cedo para poderem comprar os bens que aparecem nas propagandas (GALACHE, 2017, p.75).

Mas “ao invés de se afastar das novas tecnologias de comunicação, que podem se tornar vetores de segregação na aldeia, a ASCURI propõe utilizá-las como pontes para o fortalecimento dessas gerações” (GALACHE, 2017, p. 75 apud GORGES; QUELUZ, 2019, p. 52). E, como todo desafio necessita de formas criativas para enfrentá-lo, a juventude indígena está empenhada nisso.

[...] nossa estratégia é voltada a usar as ferramentas de distanciamento para promover a aproximação, pois há muito interesse desses jovens nas novas tecnologias, então nas formações são utilizados métodos de valorização do

saber antigo, mostrando a importância desse conhecimento, e como o audiovisual pode potencializar esse registro, além de expandir o material produzido para outras aldeias, e também para outros povos (GALACHE, 2017, p. 75 apud GORGES; QUELUZ, 2019, p. 52).

Por fim, a ASCURI é uma experiência importantíssima para nosso desafio de pensar as e os jovens da Reserva Indígena de Dourados e sua relação com as tecnologias não-indígenas. A associação tem demonstrado ao longo de seus mais de 10 anos de atuação, - entre produções cinematográficas e oficinas, desenvolvidas com jovens das mais diversas aldeias do Mato Grosso do Sul- , que o audiovisual feito *por* e *para* indígenas é forma possível de luta e resistência. Mais que isso, instituições como a ASCURI permitem “uma maior autonomia dos jovens realizadores/produtores indígenas com relação à construção de suas auto-representações, o fortalecimento de nosso coletivo junto às nossas aldeias (*tekoha* ou *vemeuxá*), além, é claro, a celebração daquilo que temos de mais importante: o nosso jeito de ser (*ñãndereko* ou *kixovoku*)” (ASCURI, 2021).

Flores

Depois de plantarmos as sementes da pesquisa, das raízes cresceram, do caule forte transportar a seiva com os nutrientes de nossas reflexões para as folhas e as demais partes importantes da planta, começamos a enxergar as flores e os frutos do caminho que trilhamos. As flores que desabrocham e os frutos que amadurecem são reflexos do encontro da juventude indígena com as novas tecnologias de comunicação e estão presentes no trabalho do artista e fotógrafo Luan Iturbe. Suas fotografias, realizadas com um olhar sensível e nativo para as comunidades indígenas, as e os jovens, *ñanderus* e *ñandesys*, a natureza e o território são ecos da frase “*Pelas Lentes do ñande reko*” que dá nome à pesquisa. A frase expressa a forma como as e os jovens indígenas se apropriam e dão sentido às tecnologias, às mídias sociais, ao audiovisual em suas vidas pessoais e comunitárias. É pelas lentes desta juventude indígena que aprendeu a usar e dominou as tecnologias e ferramentas *karai* que conheceremos o “*Ñande reko*” das comunidades indígenas em Mato Grosso do Sul, em especial na Reserva Indígena de Dourados. Uma tentativa de tradução do conceito Guarani de Ñande Reko pode ser:

Una traducción tentativa de este principio que podría hacerse es “nuestro modo propio de convivir”: reko —al igual que teko— es “vida”. Pero la vida en la cosmovisión guaraní implica un pensamiento comunitario que la concibe siempre unida a los demás miembros de la comunidad, a los antiguos, los ancestros y a la naturaleza. Todo eso configura una convivencia sagrada e inseparable. Por eso, entiendo que es mejor hablar de “convivir”. Este principio cosmovisional es, entonces, una afirmación de la identidad comunitaria (humana y con la naturaleza). (FRIGGERI, 2019, p.135)

Escolhemos algumas das fotografias de Luan, disponíveis em seu perfil pessoal/profissional no Instagram, para visualizarmos como a juventude indígena organiza seus objetivos com o uso das tecnologias de comunicação *karai* através da valorização de três pontos principais: **a juventude, as e os anciãos e os territórios tradicionais**. Para realizarmos essa seção da pesquisa estivemos conversando com Luan acerca de suas fotografias, perguntamos a ele o local onde as fotos foram realizadas, quem são as pessoas que aparecem nelas e, sobretudo, qual era a intenção de Luan na hora de realizar essas fotografias. *O que gostaria de comunicar aos indígenas e aos não-indígenas?*

Selecionamos nove fotografias de Luan para compor o que chamamos de “*Pelas Lentes do Ñandereko*” mas, mais que isso, gostaríamos de a partir dessa seleção de fotos vislumbrarmos uma outra questão importante: *os caminhos que são abertos, resgatados e/ou*

criados quando uma/um jovem indígena conhece o audiovisual indígena. O antropólogo Levi Marques Pereira (2016, p.104) ao tratar do espaço geográfico como suporte para a construção da memória social Kaiowá identifica que “o espaço é o suporte necessário para as relações sociais”. E “com a expulsão [das famílias Kaiowás] das suas terras, as parentelas que ali viviam perderam esse suporte, dispersando-se por fazendas ou reservas demarcadas”. Vimos esse processo acontecer na seção anterior com a história de formação da Reserva Indígena de Dourados. Em continuidade, Levi, demonstra que para os Kaiowá a noção de “*tekoha*”¹⁵ está relacionada a uma série de características, com destaque para:

a) o reconhecimento da importância da rede de caminhos, como forma de espacialização dos trajetos de realização da experiência social; b) a importância da memória como mecanismo de atualização da experiência e dos vínculos afetivos com o espaço ocupado por uma parentela ou comunidade; c) o reconhecimento dos méritos dos lugares ocupados que, no caso Kaiowá, expressa-se em fatores estéticos, na qualidade da água, do solo, da mata e nas condições do clima; d) a imbricação do espaço humanizado com as formas societárias nele desenvolvidas. (MARQUES, 2016, p.105).

Trazemos essa reflexão para essa seção pois gostaríamos de propor uma aproximação entre o conceitos dos caminhos definidos anteriormente por Levi, conhecidos por *trieiros* ou *tape po’i*, na língua Guarani, com os caminhos que a juventude indígena abre, resgata e cria ao utilizarmos das mídias sociais e do Audiovisual, que assim como os tapes são caminhos que imprimem grande importância na vida social, criando uma dinâmica espacial e política entre aquelas e aqueles que participam desse processo: jovens, crianças, adultos, líderes religiosos e políticos, instituições governamentais, não-governamentais, instituições artísticas, Universidades, apoiadores não-indígenas, etc.

Assim como as *Pelas Lentas do Ñandereko* podemos observar aqueles que participam da densa malha de relações do Audiovisual indígena, podemos observar também aqueles caminhos que não são percorridos, intencionalmente ou não. Como vimos no caso da presença de muitas e muitos jovens (inclusive de Luan) no Acampamentos pela Vida e na II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, a juventude indígena através das celulares, das câmeras fotográficas, mídias sociais atuam em prol da luta indígena, expondo as situações de violência, racismo e discriminação que ocorrem cotidianamente com os povos indígenas no Brasil. Além de atuarem também na reivindicação de melhores condições de vida e no

¹⁵ Tekoha significa “*lugar onde se realiza o seu modo de ser*”, na língua Guarani. O autor Melià afirma que “tekoha é o espaço físico e teko é o modo próprio de ser, ou seja, a cultura (MACHADO, João; Pereira, Levi Marques apud MÉLIA, p.118)

asseguramento dos direitos constitucionais das comunidades indígenas sobre seus territórios tradicionais.

Sobre os *tapes po'i*, Levi Pereira (2016, p.111) define que o conhecimento dessa malha permite a aproximação da dinâmica de espacialização dos módulos organizacionais, bem como da configuração política de uma reserva.

Os caminhos assumem, com efeito, uma importância comparável à da casa, definindo espaços opostos, mas complementares: a) a casa representa o espaço de convivência íntima, da segurança, da reciprocidade plena; b) o caminho representa a abertura para a exterioridade, o campo da inovação, da novidade, da ruptura no cotidiano da casa, da ampliação do horizonte da vida social e do exercício da política.

[..]

Em contrapartida, o caminho abandonado - *tape kue* - expressa relações desfeitas por separações conjugais, mudanças de localidade, desavenças não resolvidas ou mortes. O caminho abandonado é o não caminho, o lugar impróprio para se transitar, o lugar das relações desconstruídas.

A cartografia é outra aliada para pensarmos os caminhos que as fotografias de Luan traçam. Cartografar, para além da ideia clássica de construção e análise de mapas, é a “visualização espacial dos temas, que acontece através das representações cartográficas” (LOCH; FUCKNER, 2003, p. 2 apud SANTOS, 2017, p. 107).

E, nesse sentido, Mendonça Neto afirma que a Cartografia Social consiste na valorização e participação de grupos populacionais na percepção de seu território, pressupondo a compreensão da complexidade dos processos socioambientais e econômicos, sem desconsiderar a dimensão cultural. Depreende-se dessa afirmação que o mapa social está associado ao processo de reivindicação e afirmação de identidade e de território (NETO, 2013 apud SANTOS, 2017, p. 109)

Portanto, os locais, os territórios e as comunidades, pessoas e animais que Luan escolhe retratar em suas fotografias revelam uma cartografia das imagens ou uma cartografia dos “*tapes po'i*” na medida em que integram a compreensão de Luan acerca do território e das relações étnicas, políticas e sociais das quais faz parte. Revelando dessa maneira, “*Pelas Lentas do Ñandereko*” a sua territorialidade. Visto que:

[...] todo processo de territorialização se faz envolvido em “teias” de antigas territorialidades, ou seja, nos laços simbólicos, logo, nas relações de pertencimento que liga o homem ao território de partida - territorialidade,

carregando consigo diferentes possibilidades de controle de seu espaço. (MONDARDO, 2009 apud MOTA, 2011, p.123).

Na esteira dessa reflexão os autores Gilles Deleuze e Félix Guatarri expõem a relação intrínseca entre agenciamento e território. De modo que “Todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial” (DELEUZE; GUATARRI, 1997, p.218 apud MOTA, 2011, p. 124). Trazendo para o contexto de nosso trabalho, a juventude indígena e seu estabelecimento enquanto um ator político de importância através do uso das mídias sociais e do audiovisual compreender e visualizar os caminhos de atuação que as e os jovens indígenas abrem a realidade dos Povos originários é compreender também as relações territoriais destes jovens. Os autores continuam a reflexão e afirmam que “Descobrir os agenciamentos territoriais de alguém, homem ou animal: “minha casa” [...] o território cria agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples “comportamento”. (DELEUZE; GUATARRI, 1997, p.218 apud MOTA, 2011, p. 124).

As subseções a seguir *4.1 Tapes da Juventude*, *4.2 Tapes do Território* e *4.3 Tapes dos Anciões* são trechos de uma entrevista realizada por mim, Letícia Espadim, com Luan Iturbe em 18 de maio de 2021. Escolhemos por transcrever na íntegra as palavras Luan, pois nosso objetivo é trazer ao texto não só a força das fotografias de Luan, mas também a de suas palavras e pensamentos, haver sem maiores interferências. As reflexões suscitadas até o momento são suficientes para prover às leitoras e leitores o suporte necessário para vislumbrar nas palavras de Luan a importância do território, da valorização da cultura tradicional, rituais, danças, cantos, do conhecimento dos mais velhos (*ñanderu* e *ñandesy*), do jeito de ser e viver como indígena - *Ñande Reko* desses povos. Além de serem capazes de notar que os caminhos, *tapes po'i*, que se fazem através do Audiovisual, conectando Luan a outros territórios indígenas, outras famílias, etnias, histórias, geografias, mas também o conecta consigo mesmo, suas lembranças, pertencimentos e seu próprio *ñande reko*.

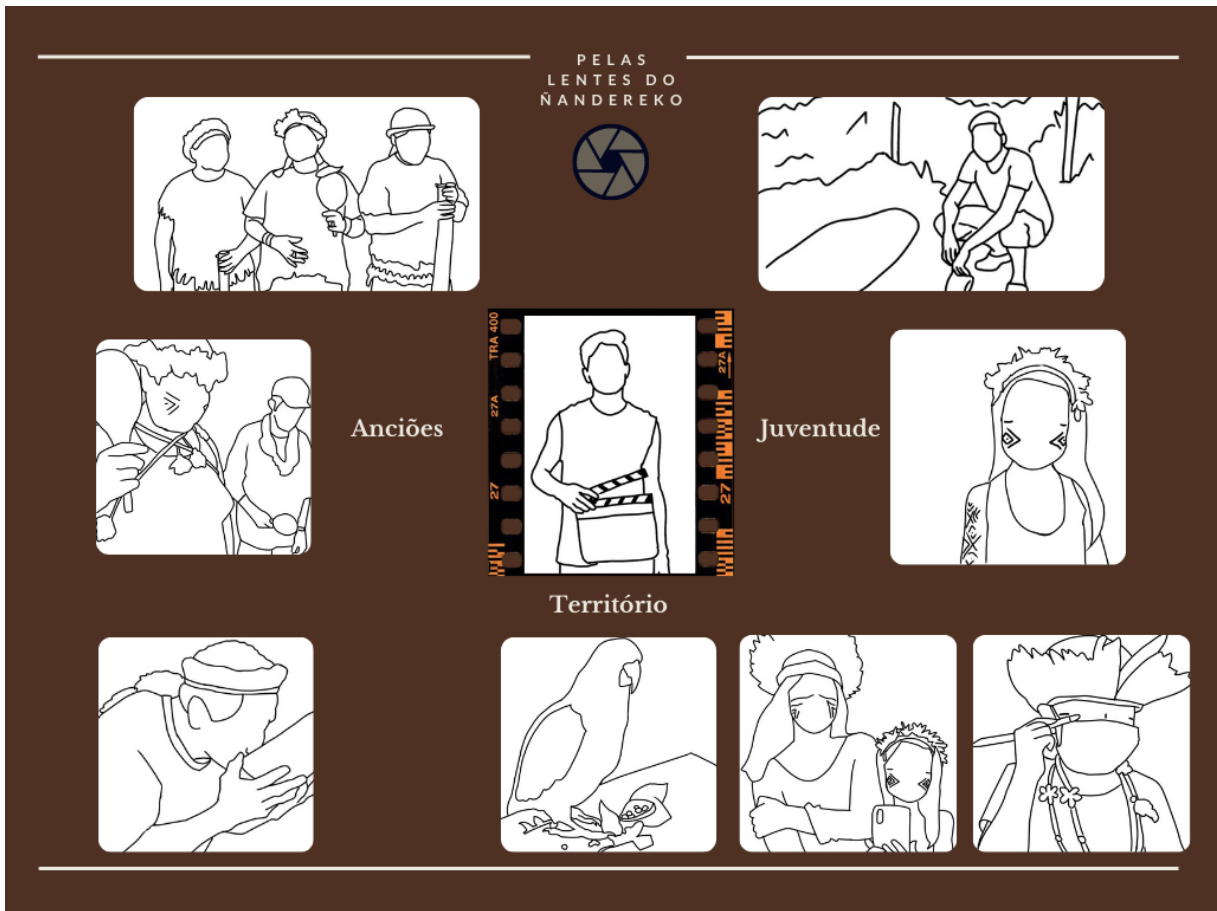


Imagem 4: “Tape” das imagens ou Cartografia das Imagens. “Pelas lentes do Ñande reko”. Produção própria.

4.0 Tapes da Juventude

Letícia Espadim: Como você vê a relação da sua trajetória profissional com a sua comunidade? Qual a relação disso e a importância de você ser um artista indígena para sua comunidade?

Luan Iturbe: A representatividade, né. Porque tem muitas pessoas que me veem como representante, entendeu? Então eu sou um artista indígena e eu preciso tá ocupando esses espaços porque eles também são nossos, né. Porque além de eu existem vários outros artistas indígenas que estão aí usando a mídia para fortalecer a luta indígena e a representatividade e de alguma forma até vivendo disso, né. Artisticamente. Essa nova juventude tá sendo livre, eles podem utilizar o que eles quiserem pra poder trazer benefício para as comunidades, entendeu? Trazer reconhecimento, entendeu? Fala assim: “nois” é indígena, mas nós também existimos”. É isso que a gente tá em busca hoje. Acredito,

inclusive, que futuramente vai ter mais jovens indígenas artistas. Porque além de nós que tá começando agora, que venham outras gerações que se inspirem na gente e que continuem produzindo isso a favor da comunidade, mas não deixando de ser indígena, né.



Imagem 5: Germano, jovem ñanderu do povo Kaiowá, residente da aldeia Te'yikue na nascente de água perto de sua casa. Fotografia de Luan Iturve, disponível em seu perfil pessoal do Instagram e de uso autorizado para a pesquisa.

Luan Iturve: O Germano, cara, eu não sei se você sabe, mas ele é um dos *ñanderu* mais jovens da comunidade dele. Ele é muito dotado do conhecimento da cultura Kaiowá, porque ele assim sabe desde a história, os conhecimentos, as curas, as plantas, pinturas... ele sabe muito. Ele é muito rico em conteúdo. E assim, os que são mais reconhecidos na mídia, os artistas maiores, por exemplo, eu, eu gosto muito de fazer isso, né: as pessoas já me conhecem, né, por mais que não sejam todos, né, muita gente já me conhece e eu procuro fortalecer essas pessoas que elas ainda não conhecem e que são importantes elas ver que eles existem. Eles são artistas também e eles precisam ser reconhecidos! Precisam que as pessoas vejam eles, conheçam eles, entendeu? Então, eu gosto muito de fortalecer os indígenas que estão começando agora. Eu gostaria de alguma forma futuramente revelar somente artistas indígenas. Por enquanto eu quero produzir eu, para que futuramente eu possa ter mais visibilidade e consiga beneficiar os jovens que querem entrar no mundo artístico. Como se fosse um agenciamento de carreira indígena. O Germano eu conheci ele na faculdade e eu conheci ele quando eu fui gravar um documentário *Jakaira* que foi pelo Itaú

Cultural e e a gente saiu gravando nas fronteiras, foi a primeira vez que eu fui na aldeia dele, entendeu. E eu achei muito interessante porque assim tem muita coisa que eu não vejo aqui na Reserva Indígena, aqui de dourados da onde eu moro, porque já se tornou uma aldeia urbana, né. A gente não vê os costumes que eu gostava muito de participar quando eu era criança, né. E foi tipo assim eu voltei no meu passado “*cara, isso aqui era muito bom*” que as pessoas pegam um na mão do outro, faz o *guachire*, entendeu? Toma *chicha* (bebida fermentada), você não se sente diferente, entendeu? Você se sente igual. É como se fosse uma família. E eu me identifiquei muito com isso, daí eu falei “*não, eu vou publicar alguma coisa do Germano*”, porque ele é um dos organizadores, quero que as pessoas conheçam um pouco da história dele e foi aí que eu voltei não só com o documentário, mas foi onde a gente gravou esse ano o filme do Calvário, né, que é um filme de época que inclusive eu estou protagonizando. Fiz produção, assistência de produção, fiz a fotografia, e fiz parte da produção de elenco. Então o diretor falou assim “*você não conhece nenhuma locação que a gnt possa gravar essa cena aqui*” e eu falei “*vamo gravar na aldeia do Germano*”. Eu quero mostrar o Germano, entendeu? Eu quero que a galera de lá também seja reconhecida, não quero essa coisa só para mim, quebrar esse egoísmo. Daí foi onde surgiu isso. O Germano é o meu artista (*risos*) .



Imagem 6: Nicolás, 8 anos, pintando sua face com urucum, adornado com colares e cocar. Aldeia Porto Lindo, Fotografia de Luan Iturve, disponível em seu perfil pessoal do Instagram e de uso autorizado para a pesquisa.

Luan Iturve: Esse é o Nicolás, esse é meu priminho lindo. Essa fotografia eu fiz para uma exposição em Brasília e foi sobre a pandemia e se chama “Faces”. E assim, ele é muito fotogênico e eu falei “*eu to sem modelo aqui, não estou em Dourados então vou usar você*” (risos). Eu to querendo puxar ele já para esse lado, né, porque ele gosta muito de fotografia, ele tem 8 anos, mas ele é apaixonado por fotografia, ele é apaixonado por vídeos do Youtube, ele é muito inteligente. E eu queria de alguma forma dá esse gatilho, né, porque agora criança, né, pra ele pensar futuramente “*eu quero me tornar artista*”,entendeu? e ele já tem esse pensamento “*eu quero ser artista*”.



Imagem 7: Criança Ñandeva da aldeia de Porto Lindo em dia de celebração da comunidade por conta dos zero casos de COVID-19 na aldeia. Fotografia de Luan Iturve, disponível em seu perfil pessoal do Instagram e de uso autorizado para a pesquisa.

Luan Iturve: Essa foto foi lá na aldeia Porto Lindo também. Na época que eles estavam comemorando porque não havia mais nenhum caso de COVID-19 dentro da comunidade, né. Não havia nenhum caso nesses dias e eles estavam se reunindo, né, como uma comemoração dos Guarani Ñandeva da minha aldeia, inclusive, são todos Guarani Ñandeva. Todos mesmos. Com dança, canto, os ensinamentos dos Ñanderu da aldeia Porto Lindo, né. E foi no dia que eu tirei essa fotografia que eu falei *“caraca, tá muito linda”*. Mostrar um pouco as crianças, né. A futura geração Ñandeva, né, que futuramente pode se tornar grandes lideranças, né. Porque a gente vai indo embora, mas eles vão ocupando nossos lugares. De pouco a pouco. É isso que é o mais importante de saber que a gente não tá totalmente extinto, né. A gente não vai acabar tão cedo, né, tem crianças que já estão ali ocupando os nossos espaços, os nossos lugares de pouco a pouco. Então, assim, “os herdeiros

Ñandeva”. Os herdeiros Guarani vão carregar esses traços, vão carregar os desenhos, os artesanatos e futuramente mostrar pro mundo, né, a nossa cultura como ela é rica.



Imagem 8: Jovem e criança da aldeia de Porto Lindo com celular, pintura tradicional no corpo e rosto, adornos e cocares. Fotografia de Luan Iturve, disponível em seu perfil pessoal do Instagram e de uso autorizado para a pesquisa.

Luan Iturve: Essa foi a intenção, né, de mostrar cores, mostrar os traços e mostrar que os indígenas tá online, tá on (risos), entendeu? Essa foi basicamente a fotografia que eu fiz tentando mostrar isso, né. Você vê que a menina tá com a roupa ali, né, tá com o cocar, a menininha tá com o celular, então a gente tá muito conectado, entendeu? A gente tá online, a gente tá vivendo, a gente tá presente, a gente tá aqui mostrando a nossa cultura, mostrando nossos traços, fisionomia, né. As duas são da minha aldeia.

Leticia Espadim: Você construiu a foto?

Luan Iturve: Algumas sim, algumas eu pego tudo na hora. A maioria são fotos de momentos assim. Mas algumas se dá tempo assim eu consigo construir assim alguma coisa. Tipo, *"mostrar o celular assim"* , *"vou pegar esse tal ângulo aqui, dá pra você ficar aqui?"*. Mas nem sempre dá tempo de construir alguma coisa, então tem que ser tudo ali no momento.

4.1 Tapes do Território



Imagem 9: Papagaio comendo urucum na aldeia de Porto Lindo. Fotografia de Luan Iturve, disponível em seu perfil pessoal do Instagram e de uso autorizado para a pesquisa.

Luan Iturve: Esse é da minha tia, lá da aldeia Porto Lindo, também. Esse ai eu tirei assim bem de manhã cedo assim, quando a gente tava acordando e eu tinha trazido esses urucum pra poder fazer tinta e ele acabou com tudo assim (risos), Ele acabou derrubando tudo, mordeu tudo eu falei *"nossa, véi. Vou ter que arrancar de novo"*. Foi muito cedo assim, as sementes tudo espalhado na mesa assim, o bico dele tudo vermelho. Peguei no flagra

assim. Mas eu já aproveitei o momento assim que tava muito colorido assim, tava bem colorido ali, ele tava pegando com a patinha dele tudo... já aproveitei pra fazer essa fotografia. Que assim, ao mesmo tempo, a gente não tá longe da natureza, né. A gente tá conectado com os seres que vivem em nossa floresta, né. Esse lourinho aqui ele fica bem livre, ele não fica na gaiola, ele fica andando nos galhos, ele fica andando nos pé de manga, entendeu? E ele não vai embora, ele fica lá. Então assim, é da natureza do indígena. Eu queria mostrar o animal presente que a gente tem esse contato ainda, entendeu. E a gente sabe que ele faz parte do nosso ambiente, né.

4.2 Tapes dos Anciões



Imagem 10: Ñanderu da aldeia Laranjeira Ñanderu experimentando chicha após a cerimônia de batismo do milho branco. Fotografia de Luan Iturve, disponível em seu perfil pessoal do Instagram e de uso autorizado para a pesquisa.

Luan Iturve: Esse é o Ñanderu lá da retomada Laranjeira, né. Esse não foi nem “posado”, eu tirei do momento. Falei “*caraca, esse momento tenho que pegar porque esse momento é sagrado*”. Porque é o momento que ele tá experimentando depois do batismo do

milho branco¹⁶, sagrado para os Kaiowá, né. Depois da reza assim, porque é uma noite, né, batizando. Uma noite mesmo de reza até amanhecer. Ele começava às 17h em ponto da tarde e terminava às 6h em ponto da manhã do outro dia, entendeu? Tipo, era muita energia que ele tinha. Tipo, nois tava gravando, eu tava na direção de câmera gravando as partes mais importantes, o momento assim do batismo, o momento da reza e eu tava louco pra dormir e ele não dormia (risos) . Ele não dormia, entendeu. É muito gás. Ai no outro dia de manhã a primeira coisa que eles fizeram foi o quê? Foi ele pegar esse tapperware de porunga que a gente chama, pega a chicha do milho branco que fala e ele experimenta, entendeu? Depois dele as pessoas já podem tomar, fala: *“não, tem aprovação do ñanderu? então todo mundo já pode tomar.”* Foi essa sensação assim, entendeu. Porque ele é sagrado, ele é respeitado por todos, né. Ele é respeitado pelos jovens, ele é respeitado pelas mulheres, ele é respeitado pelos homens, entendeu? Porque ele é como se fosse um ser sagrado para nós, principalmente pra nós indígenas, tanto pros Kaiowá que é mais sagrado ainda porque é da cultura deles. Por mais que seja diferente a gente tem esse respeito muito grande, a gente sabe que ele é um ancião muito importante, entendeu? São os últimos, né. E aos poucos a gente tá perdendo, né. E nesses momentos a gente tenta resgatar, né, mostrar que ainda tem anciões que estão querendo ensinar muita coisa pra gente, entendeu? Que, inclusive, eu aprendi muita coisa assim observando ele. Nas falas, porque eles só falam no dialeto Guarani Kaiowá e assim eles são muito preservadores da cultura mesmo. Ele é um xamã, né. Ele é um xamã que assim como ele é um ser espiritual como se fosse assim da igreja. A igreja ele possui seu pastor , ele possui às vezes tem padre, e ele é como se fosse nosso pastor, mas só que da nossa cultura, entendeu? Da nossa cultura Guarani Kaiowá. Tanto Guarani Kaiowá quanto Guarani Ñandeva porque os dois têm um contato muito forte. E assim, foi um momento importantíssimo pra mim porque eu queria registrar aquele momento porque é único eu nunca mais vou ver isso, entendeu? Nunca mais vou presenciar. E nunca mais vai ser igual essa fotografia, né. Mostrar essa santidade, né.

¹⁶ [...] prática ritual tradicional Kaiowa. Também é educativa, mas que hoje se realiza pouco, por diversos fatores: o avati kyry, o batismo do milho e outras plantas novas. Em todos estes contextos rituais predomina a aprendizagem, se ouvindo, praticando e imitando. Existem atualmente outras danças profanas, importantes para a socialização de saberes tradicionais: o guachire e o guahu. Essas danças, rituais são mais para se alegrar, comemorar e confraternizar. As pessoas de outras famílias, aliadas politicamente são convidadas para participar dos eventos festivos. À noite forma-se uma roda mista de mulheres e homens para dançar. Durante a dança, se inventa de improviso cântico similar à música ou tipos de poesia que falam das pessoas, do tempo do além, de lugar sem males, de amor e de carinho. Todos cantam em coro, rindo e bebendo chicha (bebida fermentada), oferecida pela família da casa em que ocorre o guachire”. (BENITES, 2009, p.72).



Imagem 11: Ñandesys da aldeia Laranjeira Ñanderu adornadas com vestimenta tradicional, colares, cocares e instrumentos de reza, mbaraka e taquara. Fotografia de Luan Iturve, disponível em seu perfil pessoal do Instagram e de uso autorizado para a pesquisa.

Luan Iturve: Essa foi na retomada Laranjeira também. Elas são da mesma aldeia, da retomada Laranjeira Ñanderu. E assim elas são Ñandesy, né, elas são as mães anciãs da aldeia, né, as mães sagradas, né, que inclusive elas são donas assim de um grande conhecimento espiritual que a gente não tem né, de cura, de reza. Então é muito parecido também, né. Inclusive eu queria mostrar essa imagem mostrando os traços mesmo, mostrando o cocar, a tiara que fala né, o mbaraka ali, né, taqua ali, os colares, as cores, né, assim. Queria valorizar, né, queria mostrar como é rico e como é muito presente ainda na nossa atualidade que a gente tá vivendo um caos, né, e a gente fala que já tá desaparecendo mas ainda tem, né, muito ainda a ser resgatado e observado.



Imagem 12: Ñandesy e Ñanderu da aldeia Laranjeira Ñanderu em momento de reza do ritual tradicional Jakaira. Fotografia de Luan Iturve, disponível em seu perfil pessoal do Instagram e de uso autorizado para a pesquisa.

Luan Iturve: Esse é o momento do início da reza do jakaira que é inclusive o momento que eles também tão fazendo boas vinda, né, que foi o momento que tá chegando novos integrantes para participar do Jakaira, vem de outras aldeias, até mesmo pessoas como a gente que foi gravar, né. Tipo, por mais que a gente é indígena todos eles, todos eles devem passar por esse ritual de boas-vindas, que é esse ritual da entrada ali da frente do xiru que é essa cruz que tá ali na frente. Eles faz toda dança ali, né, depois entra e termina ali dentro da casa de reza. E essas boas-vindas são feitas pelas ñandesys também, tanto pelos jovens, crianças, todo mundo participa desse momento, né. Então eu queria mostrar mais o ritual, né, o que eles tavam fazendo ali. Esse foi o momento que a gente já tinha chegado, mas outras famílias tava vindo, né.



Imagem 13: Luan. Uma flor obstinada que nasce no asfalto néscio da sociedade ocidental.

Luan, Jovem; indígena da etnia Guarani Nhandeva; nascido na Terra Indígena Taquara, no município de Juti, em Mato Grosso do Sul. Atualmente, reside na Reserva Indígena de Dourados e cursa Ciências Sociais na Universidade Federal da Grande de Dourados (UFGD). Ademais de todos estes predicados outorgados a ele pelo destino, Luan é por determinação própria: artista. O afínco que marca a atitude de Luan em se autodeclarar artista se assemelha à imagem de uma flor obstinada que nasce no asfalto néscio da sociedade ocidental. Em suas próprias palavras:

Eu tive que aprender muita coisa, eu tive que abrir mão de muita coisa também pra poder me tornar artista, entendeu. Correr atrás dos conhecimentos necessários para poder, né, ser reconhecido na mídia, ser reconhecido entre outras produtoras, produtoras de cinema, entendeu. Eu tive que me autodeclarar artista pra entrar no meio artístico, né. Que é mais ou menos isso que acontece, né. Se você não se declarar como artista, você não é artista, entendeu? (Informação verbal)¹⁷

¹⁷ Entrevista concedida por Luan. Entrevista I. [abril. 2021]. Entrevistador: Letícia Espadim Martins. Dourados, 2021. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

4.3 Cheiro e flores nos tapes: sem afeto não há pesquisa

O cheiro e as cores das flores e dos frutos que brotam nos *tapes po'i* do Audiovisual indígena nos mostram que esses são *tapes* de cura e de conhecimento ancestral que ligam a juventude indígena à tempos remotos, espaços místicos, tekohas perdidos e resgatados, famílias extensas e outros parentes¹⁸. A *Cartografia das imagens* ou os *Tapes das imagens* nos revelam uma “malha variada de caminhos que dão suporte para uma teia complexa de relações sociais (PEREIRA, 2016, p.35) que se desenham em torno de uma luta comum, nas palavras do artista macuxi Jaider Esbell¹⁹: “A luta pela terra é a mãe de todas as lutas”. É sabido que “*sem tekoha não há teko*” (MELIÀ, 1990, p.36 apud PEREIRA, 2016, p.105), mas, após lermos as palavras de Luan e conhecermos sua relação com a fotografia e suas orientações enquanto artista indígena podemos induzir que, igualmente, “*sem tekoha não há Audiovisual indígena*”. As fotografias de Luan nos mostram que tanto a arte como o Audiovisual para os povos indígenas estão imbricadas a cosmovisão, não sendo possível fazer uma cisão entre arte e território/ arte e cultura. Dessa maneira, não há Arte Indígena Contemporânea sem reza tradicional, sem Ñanderus e Ñandesys, sem *chicha* e *guachire*, florestas e animais.

Ademais, é através das lentes do *Ñande Reko* que as e os jovens redescobrem a si mesmos e as suas comunidades, expondo e fotografando-as com sentimentos de pertencimento, orgulho e desejo de mudança. Notamos que as mídias sociais e as ferramentas de comunicação não-indígenas, quando bem utilizadas, podem servir como instrumento de autonomia e resistência dos povos indígenas. Em outras palavras, “*A Arte Indígena é um*

¹⁸ É comum entre as e os indígenas o nome “parentes” para se referir a indígenas de outras etnias, expressando uma relação de compadrio entre povos diferentes.

¹⁹ “Jaider Esbell (1979, Normandia, RR – 2021, São Paulo, SP), do povo Macuxi, artista multimídia e curador independente. A cosmovisão de seu povo, as narrativas míticas e a vida cotidiana nas Amazônias compõem a poética de seu trabalho que se desdobra em desenhos, pinturas, vídeos, performances e textos. Definindo suas proposições artísticas como ativismo, as pesquisas de Esbell combinam discussões interseccionais entre arte, ancestralidade, espiritualidade, história, memória, política e ecologia. Tem destaque suas elaborações sobre o *txáismo* – modo de tecer relações de afinidades afetivas nos circuitos interculturais das artes pautadas pelo protagonismo indígena. No campo da crítica decolonial sua trajetória e pesquisa prática evidenciam o que em geral se experimenta estritamente no plano do discurso. Realiza práticas de arte-educação em comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e urbanas periféricas, atuando especialmente em articulações junto a artistas indígenas da região circunroraimeense a partir de sua galeria de arte indígena contemporânea na cidade de Boa Vista – RR. Desde 2010 tem circulado por diversas exposições no Brasil e no exterior. Em 2016 ganhou o Prêmio Pipa categoria online. Em 2020 participou de Véxoa: nós sabemos, mostra coletiva de arte indígena na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 2021 foi curador de sua própria exposição individual Apresentação : Ruku, na Galeria Millan em São Paulo. É artista convidado da 34ª Bienal de São Paulo e curador do projeto Moquéem_Surará, exposição de arte indígena contemporânea no Museu de Arte Moderna de São Paulo, num evento paralelo à Bienal de SP.”. (PIPA, 2021)

direito de resposta”, é o que afirma o artista visual Denilson Baniwa²⁰. Aprendemos ao longo do crescimento dessa planta- pesquisa que o cinema é um elo entre os jovens indígenas e os mais velhos, como afirmou Eliel Benites. Ainda que Luan, assim como outros artistas indígenas tenham se tornado um exemplo e impulsionador para jovens indígenas que desejam mudar e ajudar suas comunidades através do audiovisual e da mídia indígena. Nessa caminhada aprendemos que o território é a condição central para as lentes captarem a vida, ou melhor, o *ñande reko* (nosso jeito de ser) dos povos indígenas!

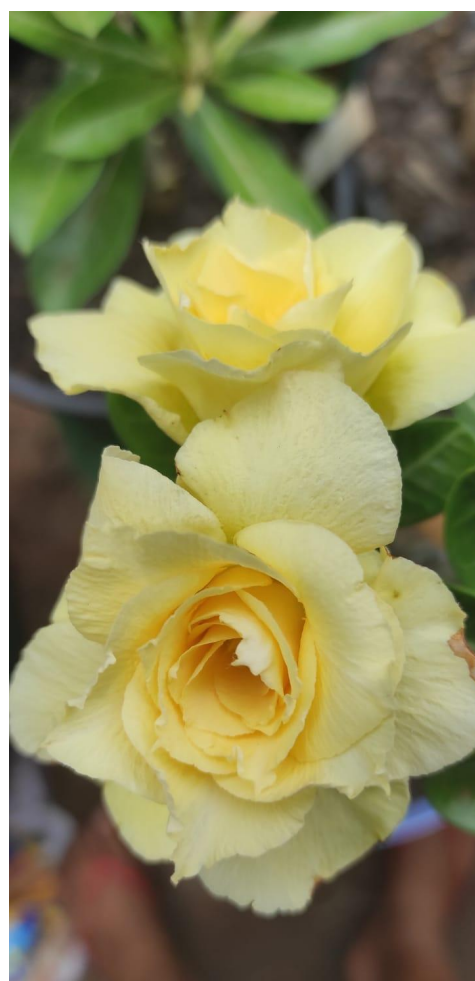


Imagem 14 - 15: Flores cultivadas pela amiga, jardineira e pesquisadora Juliana Mota que semeou e cuidou para o crescimento e florescimento dessa pesquisa. Imagens autorizadas pela autora para exposição.

²⁰ “Denilson Baniwa, 37 anos, nasceu na aldeia Darí, no Rio Negro, Amazonas. Sua trajetória como artista inicia-se a partir das referências culturais de seu povo já na infância. Na juventude, o artista inicia a sua trajetória na luta pelos direitos dos povos indígenas e transita pelo universo não-indígena apreendendo referenciais que fortaleceriam o palco dessa resistência. Denilson Baniwa é um artista antropófago, pois apropria-se de linguagens ocidentais para descolonizá-las em sua obra. O artista em sua trajetória contemporânea consolida-se como referência, rompendo paradigmas e abrindo caminhos ao protagonismo dos indígenas no território nacional” (PIPA, 2021).

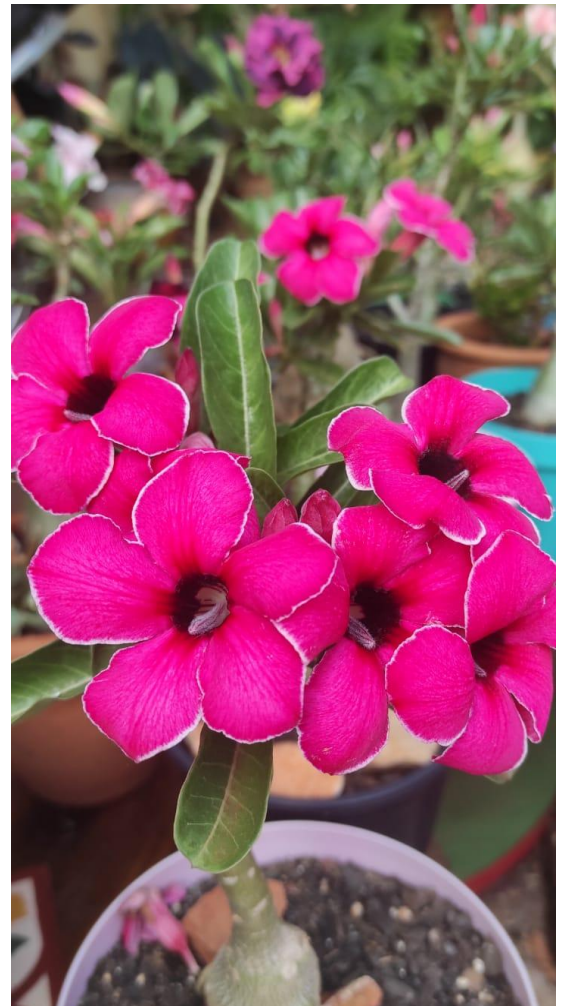
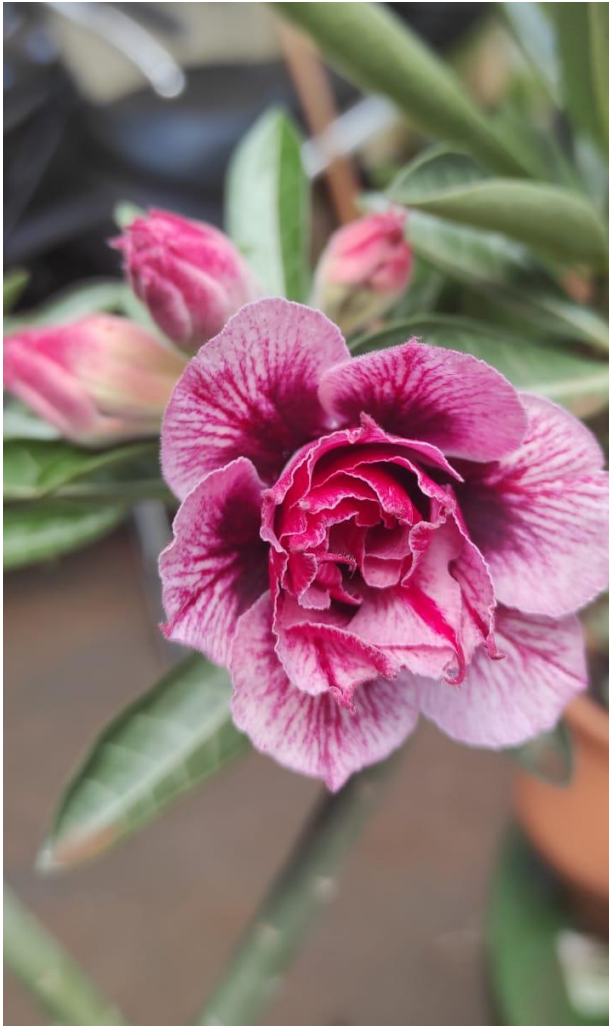


Imagem 16 - 17: Flores cultivadas pela amiga, jardineira e pesquisadora Juliana Mota que semeou e cuidou para o crescimento e florescimento dessa pesquisa. Imagens autorizadas pela autora para exposição.

REFERÊNCIAS

ASCURI. **ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS REALIZADORES INDÍGENAS**, 2021. Nosso Jeito. Disponível em: <<https://ascuri.org/nosso-jeito>>. Acesso em: 18 nov, 2021.

BENITES, Tonico. **A educação dos jovens Guarani e Kaiowá e sua utilização das redes sociais na luta por direitos**. Desidades, Rio de Janeiro, n.2, p. 9-17, mar. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/2562>>. Acesso: 22 jun. 2021.

BENITES, Tonico. **A Escola Na Ótica Dos Ava Kaiowá: Impactos e Interpretações Indígenas**. (Mestrado em Antropologia Social) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

COHN, Clarice. Culturas em transformação: os índios e a civilização. **Perspectiva**. São Paulo. 15. 2021.

CRESPE, Aline C.; SILVESTRE, Célia F. **Tekoha, Nhande reko, Kokue: O território como condição para a produção de alimentos e do modo de vida bom e belo entre os Kaiowá e os Guarani**. Saberes, sociabilidades, formas organizativas e territorialidades entre os Kaiowá e os Guarani em Mato Grosso do Sul. Dourados, 2012, p. 141-156.

FRIGGERI, F. P. **Hacia un ñandereko latinoamericano: identidad de resistencia e integración contrahegemónica**. Relaciones Internacionales, Madrid, España, n. 39, p. 121–139, 2018. Disponível em: <https://revistas.uam.es/relacionesinternacionales/article/view/9424>. Acesso em: 15 nov. 2021.

GIMÉNEZ, Gilberto. **Territorio, Cultura e Identidades la Región Socio-cultural**. Época 11. v.V, n. 9, Colima, p. 25-57, jun. 1999.

GORGES; Maria Claudia, QUELUZ; Marilda Lopes Pinheiro. **Cinema de Casa de Reza: as práticas desenvolvidas pela ASCURI em suas oficinas de formação audiovisual**. Revista Vazantes, volume 03, n. 02, 2019. p. 47 - p. 57.

HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: Um Debate.** Revista GEOgraphia, Ano IX - n. 17, 2007.

LARAIA, Roque de Barros Laraia. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACHADO, João.; MARQUES, Levi Pereira. **Nomes de Parentela, rezas, artefatos de uso ritual e produção dos espaços dos tekoha: Uma abordagem dos processos de reprodução social entre os Kaiowá atuais a partir da memória de séries sociológicas e séries cosmológicas.** Saberes, sociabilidades, formas organizativas e territorialidades entre os Kaiowá e os Guarani em Mato Grosso do Sul. Dourados, 2012, p. 117-140.

MARTINS; Letícia. MOTA, Juliana. **Relações Interétnicas Entre As Aldeias Jaguapiru E Bororó Na Reserva Indígena De Dourados, Mato Grosso Do Sul.** UFGD. 14º Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão.

MOTA, Juliana. **Territórios e territorialidades Guarani e Kaiowa: da territorialização precária na Reserva Indígena de Dourados à multiterritorialidade.** (Mestrado em Geografia) - UFGD, Dourados, 2011.

PEREIRA, Levi Marques. - **A atuação do órgão indigenista oficial brasileiro e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados, MS.** UFGD; 38º Encontro Anual da Anpocs; GT21 Metamorfoses do rural contemporâneo.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulo organizacionais e humanização do espaço habitado.** Dourados, MS, ED. UFGD, 2016.

PIPA. Prêmio PIPA: **A Janela para a Arte Contemporânea Brasileira. Denilson Baniwa,** 2021. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa>>. Acesso em: 18 nov, 2021.

PIPA. Prêmio PIPA: **A Janela para a Arte Contemporânea Brasileira**. Jaider Esbell, 2021. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>>. Acesso em: 18 nov, 2021.

POLIVANOV, B. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos**. Esferas, Mato Grosso do Sul, n.3, p.61-71, mar. 2013. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>>. Acesso: mar. 2021.

POZO, Pozo; URTEAGA, Maritza; ÁLVAREZ, García; FERNANDO, Luis. **Juventudes étnicas contemporâneas em Latinoamérica**. Cuicuilco, México, v.22, n.62, 7-35, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35138082002>. Acesso: ago. 2021

SANTOS, Alex Mota dos. **Cartografias possíveis: um olhar sobre os mapas mentais indígenas em Rondônia, Brasil**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 105-124, maio/ago. 2017.